



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE LUÍS EDUARDO MAGALHÃES
ESPECIALIZAÇÃO EM ENGENHARIA INDUSTRIAL E DE SISTEMAS - EEIS

DÉBORA ZANGIROLAMI

ANÁLISE E PROPOSIÇÕES ACERCA DAS PRÁTICAS *ESG* (*ENVIRONMENTAL, SOCIAL AND GOVERNANCE*) EM UMA INDÚSTRIA QUÍMICA

LUÍS EDUARDO MAGALHÃES - BA

2022

DEBORA ZANGIROLAMI

ANÁLISE E PROPOSIÇÕES ACERCA DAS PRÁTICAS *ESG* (*ENVIRONMENTAL, SOCIAL AND GOVERNANCE*) EM UMA INDÚSTRIA QUÍMICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Oeste da Bahia, Centro Multidisciplinar de Luís Eduardo Magalhães, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Engenharia Industrial e de Sistemas - EEIS.

Orientador: Prof^o. Me. Adriano David Monteiro de Barros

LUÍS EDUARDO MAGALHÃES - BA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Z29 Zangirolami, Débora.

Análise e proposições acerca das práticas ESG (*Environmental, Social and Governance*) em uma indústria química. / Débora Zangirolami. – 2022.

71 p.; il.

Orientador: Prof. Adriano David Monteiro de Barros.

Trabalho de Conclusão de Curso: (Especialização em Engenharia Industrial e de Sistemas) – Universidade Federal do Oeste da Bahia. Centro Multidisciplinar de Luís Eduardo Magalhães, Luís Eduardo Magalhães, BA, 2022.

1. Gestão de empresas - Sustentabilidade 2. Responsabilidade Social - Governança. 3. Agro-negócio.

I. Barros, Adriano David Monteiro de. II. Universidade Federal do Oeste da Bahia – Centro Multidisciplinar de Luís Eduardo Magalhães. III. Título.

CDD: 658.408

BIBLIOTECAS UFOB - Biblioteca Universitária de Luís Eduardo Magalhães

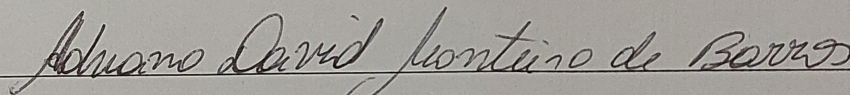
DÉBORA ZANGIROLAMI

ANÁLISE E PROPOSIÇÕES ACERCA DAS PRÁTICAS ESG (*ENVIRONMENTAL, SOCIAL AND GOVERNANCE*) EM UMA INDÚSTRIA QUÍMICA

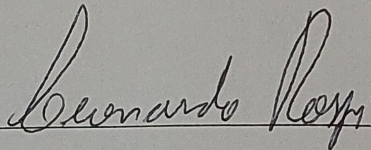
Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado à Universidade Federal do Oeste da Bahia, como requisito parcial de avaliação para a obtenção do título de Especialista em Engenharia Industrial e de Sistemas.

Aprovado em: 27/10/22

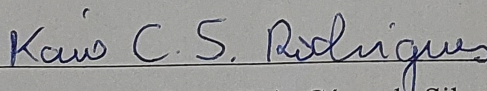
Banca Examinadora:



Prof. Me. Adriano David Monteiro de Barros
Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB



Prof. Me. Leonardo Rospi
Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB



Prof. Dr. Kaio César da Silva Rodrigues
Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB

Dedicado à minha família, em especial ao meu filho Pedro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos profissionais entrevistados que prontamente atenderam a solicitação e cederam seu tempo para que eu pudesse fazer as perguntas requeridas para a pesquisa e a Empresa ABC por autorizar a execução do trabalho.

Agradeço ao meu orientador, professor Adriano, pela sua dedicação e contribuição no processo de desenvolvimento do meu Trabalho. Eu não tive discrição ao mencionar o cansaço e dificuldade no andamento, inclusive foi necessário “ajustar a rota” do trabalho, e o professor sempre se colocou disponível e com uma devolutiva motivadora e esperançosa.

Agradeço aos meus colegas por terem confiado a mim, por alguns ciclos, a Liderança da turma frente ao colegiado.

Agradeço a todos (familiares, amigos, colegas de trabalho, meus professores, mentores...) que direta ou indiretamente contribuíram com dicas, orientações, aulas, conversas, e que depositaram em mim a expectativa de conclusão do curso e o recebimento do tão esperado título de especialista EEIS. Isso me motivou, o título representa muito mais do que formalmente é.

O céu é o limite para o ESG!
(MONZONI; CARREIRA, 2022).

RESUMO

As práticas ESG estão cada vez mais inseridas nas organizações e o principal objetivo delas é a continuidade do negócio, no sentido de ser sustentável ambientalmente e socialmente como longo prazo através do aumento da competitividade e melhoria da reputação. Neste estudo, o ESG foi conceituado e as práticas identificadas e analisadas qualitativamente através de estudo de caso em uma indústria química. A técnica de entrevistas foi utilizada para conhecer as práticas ESG e a importância dada ao tema. Foi feita uma correlação entre a teoria apresentada e a prática capturada através de entrevistas para reconhecer as lacunas relacionadas às práticas ESG da empresa estudada. Três proposições foram expostas a partir de quinze oportunidades identificadas entre os fatores Ambiental, Social e Governança e nos temas de interesse: ODS, Métricas, Rentabilidade atribuída ao ESG, Triple Bottom Line e Relatório de Sustentabilidade.

Palavras-chave: ESG, Opportunities, Analysis, Industry.

ABSTRACT

ESG practices are increasingly embedded in organizations and their main objective is business continuity, in the sense of being environmentally and socially sustainable as a long-lived person through increased competitiveness and improved reputation. In this study, the ESG was conceptualized and the practices identified and analyzed qualitatively through a case study in a chemical industry. The interview technique was used to learn about ESG practices and the importance given to the topic. A correlation was made between the theory presented and the practice captured through interviews to recognize the gaps related to the ESG practices of the studied company. Three propositions were presented based on fifteen opportunities identified among the Environmental, Social and Governance factors and on the topics of interest: SDG, Metrics, Profitability attributed to ESG, Triple Bottom Line and Sustainability Report.

Keywords: ESG, Opportunities, Analysis, Industry.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Ponto focal da sigla ESG e aspectos de interesse..... | 18 |
| Quadro 2 - Mapeamento ESG e ODS..... | 19 |
| Quadro 3 - Estruturas aplicáveis..... | 21 |
| Quadro 4 – Seis Princípios PRI..... | 23 |
| Quadro 5 - Módulos PRI e avaliação | 23 |
| Quadro 6 - Integração ESG normalmente tem três componentes | 24 |
| Quadro 7 - Categorias típicas de riscos e oportunidades relacionados ao clima..... | 26 |
| Quadro 8 - Módulos de resposta do questionário CDP | 28 |
| Quadro 9 - Conteúdo básico do relatório na estrutura GRI..... | 31 |
| Quadro 10 - Importância GRI na visão de autores | 31 |
| Quadro 11 - Exemplo riscos e oportunidades considerando SASB | 33 |
| Quadro 12 - Três parâmetros principais para determinação dos níveis de materialidade dos riscos ESG..... | 36 |
| Quadro 13 - Exemplo de Matriz de Materialidade..... | 37 |
| Quadro 14 - Fatores de relevância para materialidade | 38 |
| Quadro 15 - Características importantes nos relatórios de sustentabilidade | 39 |
| Quadro 16 - Fatores relevantes para a avaliação da credibilidade de Relatório de sustentabilidade | 39 |
| Quadro 17 - Exemplo de medidas financeiros | 42 |
| Quadro 18 - Categorização indicadores ESG definida pela Thomson Reuters..... | 43 |
| Quadro 19 - Rigor e confiabilidade na pesquisa qualitativa..... | 45 |
| Quadro 20 – Elevação do nível de sustentabilidade na visão dos entrevistados..... | 51 |
| Quadro 21 - Profissional ou setor dedicado ao tema ESG nas empresas | 54 |
| Quadro 22 - Avaliação de lacunas | 56 |
| Quadro 23 - Normas ISO com temas comuns ESG..... | 57 |

LISTA DE SIGLAS

CDP - Carbon Disclosure Project
CDPO - Certified Data Protection Officer
CDSB - Climate Disclosure Standards Board
COP - Conferência das Partes
ESG - Environmental, Social and Governance
GRI - Global Reporting Initiative
IFA – International Fertilizer Association
IIRC - International Integrated Reporting Council
ISO - International Organization for Standardization
ISP - Investimento Social Privado
KPI - Key Performance Indicator
KRI - Key Risk Indicator
MSCI - Morgan Stanley Capital International
ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OECD - Organisation for Economic Co-operation and Development
ONU - Organização das Nações Unidas
PRI - Principles for Responsible Investment
RSC - Responsabilidade Social Corporativa
SASB - Sustainability Accounting Standards Board
SDG - Sustainable Development Goals
SRI - Social Responsibility Investment
TCFD - Task Force on Climate-Related Financial Disclosures
UN - United Nations

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1.1 Objetivo geral..... | 13 |
| 1.1.2 Objetivos específicos..... | 13 |
| 1.2 JUSTIFICATIVA | 13 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO | 15 |
| 2.1 Conceituação <i>ESG</i> | 15 |
| 2.1.1 ESG e conexão com o ODS..... | 19 |
| 2.1.1 Implementação <i>ESG</i> e o seu valor nas empresas..... | 20 |
| 2.3 Iniciativas globais e suas estruturas..... | 21 |
| 2.3.1 <i>Principles for Responsible Investment (PRI)</i> | 22 |
| 2.3.2 <i>Task Force on Climate-related Financial Disclosures (TCFD)</i> | 24 |
| 2.3.3 <i>Carbon Disclosure Project (CDP)</i> | 27 |
| 2.3.3 <i>Global Reporting Initiative (GRI)</i> | 29 |
| 2.3.4 <i>Sustainability Accounting Standards Board (SASB)</i> | 32 |
| 2.1.2. ESG, Gerenciamento de Riscos e Materialidade | 35 |
| 2.4 Relatório de sustentabilidade e a perspectiva de estrutura própria | 38 |
| 2.6 <i>Greenwashing</i> | 40 |
| 2.7 Indicadores <i>ESG</i> | 41 |
| 3. METODOLOGIA DE PESQUISA | 44 |
| 3.1 Caracterização do objeto de estudo..... | 46 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES | 48 |
| 4.1 Identificação da agenda e práticas <i>ESG</i> | 48 |
| 4.2 Proposição para o aperfeiçoamento das práticas <i>ESG</i> | 55 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 59 |
| REFERÊNCIAS | 59 |
| ANEXOS | 68 |

1. INTRODUÇÃO

As práticas ESG vêm ganhando espaço ao longo do tempo por diversos fatores, talvez o mais importante seja a busca pela redução ou mitigação das mudanças climáticas. A regulação cada vez mais incisiva, com restrições globais e aumento da consciência dos clientes, também conduziram para que a introdução das práticas ESG chegue cada vez mais forte nas companhias e de forma efetiva. Outro fator está relacionado a continuidade do negócio em si, “o ser sustentável” é sinônimo de longevidade econômico-financeira, aumento da competitividade e melhoria da reputação.

Além do aspecto Ambiental, o Social possui grande relevância para a erradicação da injustiça social, no cuidado com a saúde aos funcionários e no menor impacto possível às comunidades – e porque não considerar a melhoria do bem-estar a essas comunidades (de entorno)? A Governança tem sua importância para um sistema anticorrupção, transparente e eficaz, portanto, o ESG traz um combo de critérios, medidas e análises que conduzem as organizações para uma operação sustentável, coerente e legal.

Muito direcionado a investimento e captação de crédito de banco, o ESG tem sido responsável por determinar o início da avaliação de aspectos não financeiros dos negócios, portanto, uma necessidade relativamente nova e que está conectada diretamente com o gerenciamento de riscos que por sua vez passa a considerar diversos cenários (ambientais, sociais e econômicos) tornando mais rico de informações e mais esclarecido do que está sendo feito enquanto resposta a eles. Uma forma de medir e controlar o ESG é por meio dos indicadores chave de desempenho, os chamados KPIs.

À medida que o ESG é praticado pelas organizações ele também deve também ser divulgado. Através da divulgação das informações por meio de relatórios de sustentabilidade corporativa ou relatórios específicos e padronizados como o GRI, é suprida a necessidade de informações para gestores de investimentos e proprietários de ativos bem como da sociedade. Excluindo posicionamentos considerados *greenwashing*, ali constam as informações necessárias, financeiras e não financeiras, para determinar se a empresa cumpre seu compromisso com a sustentabilidade –.

Os relatórios ESG vão se ajustando continuamente e a reavaliação é inevitável seja do padrão, estrutura, aumento da criticidade do cliente e preferências do investidor. De uma forma ou outra, necessidade de investimento ou crédito, ou adequação aos padrões impostos, os

investimentos ESG são significativos (correspondem a um alto valor) para as empresas. Controlar adequadamente e divulgar com consistência estão na mesma linha do melhor desempenho operacional, retornos mais altos e menor risco da empresa.

No presente trabalho se pretende desmistificar o ESG, conceituando-o, mostrando, através do estudo de caso, como a Empresa ABC desenvolve as suas Práticas ESG, qual a importância dada ao tema, bem como a identificação das lacunas a partir da correlação entre a teoria apresentada e a prática capturada através de entrevistas.

1.1 OBJETIVO

1.1.1 Objetivo geral

Analisar as práticas ESG da empresa

1.1.2 Objetivos específicos

- Compreender o conceito de ESG
- Apontar as práticas (e lacunas) de ESG da empresa
- Propor novas ações relacionadas ao ESG da empresa

1.2 JUSTIFICATIVA

Posicionamento de mercado, reputação, crédito, estabilidade e sustentabilidade são objetivos atrelados ao uso das práticas ESG. É um importante ponto de mudança, onde essas ações ESG começaram a ser mais tangíveis e explícitas, ocorreu através da disseminação do COVID-19 pelo mundo. Foi evidenciado numa entrevista com investidores feita pela Morgan Stanley Capital International (MSCI), uma empresa americana do mercado financeiro que atua como fornecedora global de ferramentas de análise de equity, renda fixa, fundos de hedge, índices de mercado e afins, que 72% deles acreditam que empresas com altas

classificações ESG tiveram um planejamento superior de sustentabilidade, 73% aumentaram seus investimentos em ESG e 52% adotaram alguma estrutura ESG.

A nível global, a expectativa de investimento ESG e integração das práticas na operação tem tomado maior relevância, muito pela urgência das questões climáticas e um envolvimento mais profundo e focado das partes interessadas (eles têm o direito de julgar as ações e omissões de uma empresa e responsabilizar a empresa por essas ações ou omissões), sendo comum o estabelecimento e revisões de regras e padrões de reporte corporativo (GILBERT; RASCHE; WADDOCK, 2011).

Esta recente expansão ESG possui importância para a Sustentabilidade Empresarial, para a Responsabilidade Social Corporativa (RSC) e para a sociedade em geral, por isto, entidades e instituições públicas e privadas em todo o mundo vêm abordando essas questões de maneira mais eficaz, para que permita avaliar quantitativamente o progresso das empresas em direção ao atingimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), estabelecidos pela Agenda 2030 da ONU, através do uso dos indicadores de desempenho ESG.

Segundo levantamento feito pela KPMG, uma das quatro maiores empresas do setor de prestação de serviços profissionais, que incluem *audit, tax e advisory services*, os relatórios de sustentabilidade ganharam importância nas empresas, segundo dados obtidos, 85% das companhias já elaboram esse tipo de relatório e 72% delas utilizam as normas GRI, entidade internacional que define indicadores de performance para aspectos ambientais, sociais e de governança (ESG) (KPMG INTERNATIONAL, 2020).

Já é reconhecido que desempenho ESG corporativo tem a capacidade de alavancagem financeira (TETTAMANZI; VENTURINI; MURGOLO, 2022) o que retira a percepção histórica negativa da correlação entre desempenho financeiro ou desempenho de mercado e ESG.

A academia e lideranças empresariais e políticas já expõe a necessidade urgente de alinhamento dos critérios de avaliação e definição da forma de aplicação ESG, bem como a devida divulgação (BELINKY, 2022). Mais cedo ou mais tarde todos esses empreendimentos de sustentabilidade chegarão também às pequenas e médias empresas, por regulações ou, principalmente, como consequência natural da dinâmica da cadeia de suprimentos (TETTAMANZI; VENTURINI; MURGOLO, 2022).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Conceituação ESG

O *Environment, Social and Governance* (ESG) é um “termo genérico” (SHAIKH, 2022, p. 219), “uma ferramenta adicional para avaliar as empresas” (SYED, 2017, p. 2) que está ligado a uma nova dimensão do *Socially Responsible Investments* (SRI), traduzido para a língua portuguesa, Investimentos Socialmente Responsáveis (ESCRIG-OLMEDO *et al.*, 2017). “Desde sua introdução pelas Nações Unidas em 2004 a integração ambiental, social e de governança (ESG) tem sido considerada um dos mais recentes e mais amplamente adotados critérios de sustentabilidade em todo o mundo” (ALDOWAISH *et al.*, 2022, p. 1). Segundo Caplan, Griswold e Jarvis (2013, p. 1), existem três categorias principais de investimento responsável:

- Investimento socialmente responsável (SRI), um processo de construção de portfólio que tenta evitar investimentos em certas ações ou indústrias por meio de triagem negativa de acordo com diretrizes éticas definidas;
- Investimento de impacto, que envolve investir em projetos ou empresas com o objetivo expresso de efetuar mudanças sociais ou ambientais relacionadas à missão; e
- Investimento ambiental, social e de governança (ESG), que envolve a integração de fatores ESG na análise de investimento fundamental na medida em que eles são material para o desempenho do investimento.

O ESG tem como grande objetivo influenciar de uma forma positiva para os assuntos, que traduzidos para a língua portuguesa são: Ambiental, Social e de Governança e possui uma abordagem *triple-bottom line*: pessoas, planeta e resultados financeiros (BELINKY, 2022) (MOHAMMAD; WASIUZZAMAN, 2021). A partir disso é possível perceber que a compreensão acerca do tema e entendimento do seu conceito é uma necessidade daqueles que estão à frente das estratégias empresariais, principalmente daquelas organizações que estão direcionadas captar créditos, abrir capital e entrar na Bolsa de Valores (SYED, 2017).

O conceito de investimento responsável é sinônimo de investimento socialmente responsável e investimento sustentável. Se usa a forma simplificada do termo, investimento responsável, para se referir a todas as formas desse fenômeno (SIEVÄNEN *et al.*, 2013, p. 201).

Os Investimentos Socialmente Responsáveis, onde o ESG se posiciona, apresentam atualmente importante notoriedade no mercado financeiro e isto foi resultado de uma série de acontecimentos, o principal deles a crise financeira global em 2008. Apesar de ainda estar majoritariamente enfatizado por investidores, o termo apareceu em 1800 inicialmente foi conduzido por protestantes evangélicos (apresentava um cunho religioso) com a recusa de investir em escravos, armas, álcool e tabaco e se potencializou em 1928. Em seguida, nos anos 60 o SRI tomou uma consciência maior introduzindo os direitos da mulher, os direitos civis e os movimentos anti-guerra. Já em 1990, passou-se a introduzir estrategicamente as questões éticas. Curiosamente no início houve um direcionamento nítido, que independia da natureza específica do negócio, para a exclusão de certas empresas das carteiras de investimentos (ESCRIG-OLMEDO *et al.*, 2017; SULTANA, ZULKIFLI E ZAINAL 2018; SHAIKH, 2022).

A Organização das Nações Unidas (ONU) e tem desempenhado um papel de relevância no contexto ESG nos últimos 50 anos, quase todos os países do planeta se reúnem nas Cúpulas Climáticas Globais (COP) que formulam acordos importantes que incentivam e orientam a responsabilidade corporativa para a execução do ESG: em 2000 foi firmado o Pacto Global, em 2015 foi criado os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o Acordo de Paris, e em 2021 foi emitido o “Pacto Climático de Glasgow” (BELINKY, 2022; TETTAMANZI; VENTURINI; MURGOLO, 2022; GILBERT; RASCHE; WADDOCK, 2011).

Houve, a partir disso, uma grande valorização aos temas por parte dos acionistas, investidores privados e investidores institucionais, ou seja, o aporte de recursos para cuidar das questões ambientais e da sociedade através de uma governança efetiva nas empresas tem aumentado. Desta forma, o ESG pode ser encarado como fundamento para um sistema de gestão e permite uma avaliação direcionada ao tema através de índices e indicadores que traduzem a capacidade de desenvolvimento sustentável das empresas. O ESG é um conceito universal e vem se tornando mais visível (WANG, ZHAO E ZHANG, 2020).

Considerando da implantação nas organizações, Belinky (2022) julga que os critérios ESG já estão posicionados de forma favorável à sua execução e a forma se observar e avaliar está efetiva e em constante evolução. Por outro lado, Atan (2017) diz que o ESG tornou-se uma grande preocupação para os investidores, credores, governo e outros órgãos ambientais a contribuição das empresas para as questões do desenvolvimento sustentável e junto disso veio a necessidade de entender os termos de lucratividade, valor da empresa e custo de capital. Em seu estudo pode constatar que aqueles que detinham perfil alto para a sustentabilidade

conseguiram sustentar melhor o preço de suas ações ao longo do tempo, mesmo com cenários negativos, ao contrário das empresas com maiores indicadores de poluição, elas tiveram valor de mercado reduzido. Para o autor o bom desempenho operacional, o desempenho não financeiro, o desempenho ambiental e social são intrínsecos as decisões pró ESG (ATAN, 2017).

Um dos pontos que alavancou o ESG foi a percepção do desempenho financeiro (sustentabilidade do negócio), isto é visto como potencial a longo prazo das empresas e já se observa que estas que direcionam valor para quesitos ESG são mais bem geridas e têm menos riscos. Os Riscos podem ser tanto partido do aspecto rentável, do ponto de vista monetário (redução do risco de empréstimo), quanto político e de reputação. A autora complementa a ideia citando que as práticas ESG direcionam as empresas que tendem a olhar num horizonte de tempo curto a se posicionarem num direcionamento de valor a longo prazo (ESCRIG-OLMEDO *et al.*, 2017).

Para Costa (2018) o ESG destacou que o modelo de gestão de governos e empresas estão sendo cada vez mais questionados, já que a humanidade tem enfrentado bruscas mudanças políticas, econômicas, sociais e ambientais. Como exemplos de sistemas que não comportam mais produção com foco apenas em crescimento, ela citou: o desabamento de três andares em uma fábrica de tecidos em Bangladesh em 2013, explosão de plataforma de petróleo no golfo do México em 2014 e o rompimento da barragem de fundão em Minas Gerais no ano de 2015. Na visão de Tettamanzi, Venturini, Murgolo (2022, p. 1) “somente com a disseminação do COVID-19 pelo mundo, se pode afirmar que essas ações começaram a ser mais tangíveis e explícitas”.

Syed (2017) fala que na era do ESG os aspectos econômico-financeiras não aparecem de forma isolada nas análises de investimento, certos fundamentos morais, éticos e padrões de operações responsáveis são parte essencial na caracterização de um investimento ESG aceito ou rejeitado, que pode ser uma companhia ou indústria. Wang; Zhao e Zhang (2020), Nascimento (2020), Costa (2018) e Zaro (2019) falam que é necessária uma análise de parâmetros e indicadores ESG para garantir que o investimento, de fato, obtenha retornos estáveis a longo prazo e que estes podem servir de base para a tomada de decisão. Por tanto, para elencar os aspectos de interesse ESG é necessário considerar uma combinação entre padrões, princípios e diretrizes, requerimentos legais e governamentais, requerimentos políticos, demandas da sociedade e dos stakeholders (Quadro 1).

Quadro 1 - Ponto focal da sigla ESG e aspectos de interesse

| ESG | Ponto focal | Aspectos de interesse |
|-------------------------|---|---|
| Ambiental | <p>Força de proteção ambiental dentro dos processos da empresa;</p> <p>Possui foco na economia de energia, utilização de recursos, uso de energia renovável, inovação, cooperação com organizações de proteção ambiental, mercados emergentes de serviços e produtos amigos do ambiente.</p> | <p>Mudanças climáticas</p> <p>Riscos relacionados ao aquecimento global e emissão de carbono</p> <p>Emissões</p> <p>Resíduos tóxicos (Poluição do ar e da água),</p> <p>Biodiversidade,</p> <p>Desmatamento,</p> <p>Eficiência energética,</p> <p>Gestão de resíduos,</p> <p>Escassez de água</p> |
| Responsabilidade Social | <p>Foco nos interesses da sociedade perante as atividades de negócios da empresa;</p> <p>Buscar e perseguir lucros máximos estão paralelos, e porque não em consequência, ao respeito e atendimento aos regulamentos e a garantia do atingimento dos interesses das partes interessadas. Responsabilidade pelo produto.</p> | <p>Saúde e segurança no local de trabalho;</p> <p>Relações Comunitárias;</p> <p>Questões de direitos humanos nas instalações da empresa e fornecedores/contratados;</p> <p>Relações governamentais e comunitárias no contexto de operações em países em desenvolvimento;</p> <p>Satisfação dos clientes;</p> <p>Transparência e responsabilidade;</p> <p>Proteção de dados e privacidade;</p> <p>Diversidade da equipe;</p> <p>Engajamento dos funcionários;</p> <p>Relacionamento com a comunidade;</p> <p>Respeito aos direitos humanos e às leis trabalhistas.</p> |
| Governança Corporativa | <p>Trazer equilíbrio e segurança para o negócio;</p> <p>Foco em administrar o negócio para que ele seja bem-sucedido na resolução dos principais desafios ambientais e sociais enfrentados; Responsabilidade social corporativa.</p> <p>Trata como crucial o estabelecimento de um sistema sólido de governança e gestão de risco considerando os interesses de todas as partes interessadas, do conselho de administração, acionistas, gerentes e funcionários, de modo a maximizar o desempenho econômico da empresa (benefícios econômicos e sociais esperados).</p> | <p>Estrutura e Composição do Conselho;</p> <p>Estrutura do comitê de auditoria;</p> <p>Práticas contábeis e de divulgação;</p> <p>Conduta corporativa;</p> <p>Remuneração dos executivos;</p> <p>Relação com entidades do governo e políticos;</p> <p>Gestão de questões de éticas, corrupção e suborno.</p> |

Fonte: Adaptado de Khaled; Ali; Mohamed (2021), Belinky (2022), Wang; Zhao e Zhang (2020), Nascimento (2020), Costa (2018), Zaro (2019) e Syed (2017).

2.1.1 ESG e conexão com o ODS

São 17 *Sustainable Development Goals (SDG)*, traduzidos para a língua portuguesa, Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e atribuídos a eles estão 169 metas. Khaled, Ali e Mohamed (2021) citam que de todas as metas uma quantia de 40 são relevantes ao campo empresarial, elas permeiam as atividades principais (gera receita) e secundárias (de apoio ou suporte), e podem ser mensuradas através de indicadores ESG, as demais se concentram em ações governamentais (CONSOLANDI *et al.*, 2020). Pode se considerar que os ODSs são um importante gatilho para a condução e execução de ações que supram, numa abrangência mundial, os desafios ambientais, políticos e econômicos mais urgentes (UNITED NATIONS BRAZIL, 2021).

Quadro 2 - Mapeamento ESG e ODS

| Objetivos de Desenvolvimento Sustentável | Perspectiva ESG | | |
|--|-----------------|--------|------------|
| | Ambiental | Social | Governança |
| 1. Erradicação da pobreza | X | X | |
| 2. Fome zero | | X | |
| 3. Boa Saúde e bem-estar | X | X | |
| 4. Educação de qualidade | | X | |
| 5. Igualdade de gênero | | X | X |
| 6. Água Limpa e saneamento | X | | |
| 7. Energia acessível e limpa | X | | |
| 8. Emprego digno e crescimento econômico | X | X | |
| 9. Indústria inovação e infraestrutura | X | | |
| 10. Redução das desigualdades | | X | |
| 11. Cidades e comunidades sustentáveis | X | | |
| 12. Consumo e produção responsáveis | X | X | X |
| 13. O combate às alterações climáticas | X | | |
| 14. Vida abaixo da água | X | | |
| 15. Vida sobre a Terra | X | | |
| 16. Paz, justiça e instituições Fortes | | X | |
| 17. Parcerias em prol das metas | X | X | X |

Fonte: Adaptado de Pizzi *et al.*(2020), Khaled; Ali; Mohamed (2021) e United Nations (2015)

Para Khaled, Ali, Mohamed (2021) os ODSs estão conectados com o ESG, o foco dos ODSs é Ambiental e/ou Social e/ou de Governança, então o desempenho de sustentabilidade corporativa, mensurado através dos indicadores de desempenho ESG, também pode ser visto

como uma forma de avaliar quantitativamente o progresso das empresas na implementação dos ODSs.

A plena compreensão da contribuição do setor empresarial para o desenvolvimento sustentável, através do ESG e ODS, pode partir da visualização do uso do tema nas áreas de “Negócios e Estratégia” e “Medição de desempenho”. Os ODS além de serem considerados como direcionadores estratégicos, utilizam de fatores diretamente ligados a governança corporativa, regulação não financeira e ambiente externo (PIZZI *et al.*, 2020).

2.1.1 Implementação ESG e o seu valor nas empresas

Um ponto de partida em relação aos investimentos responsáveis e questões ESG, é que quando utilizadas no processo de tomada de decisão por parte dos investidores, desenvolvem ainda mais uma estrutura que induz estratégias baseadas em Valor (SYED, 2017) (Alexandrino 2020) que se solidificam interna e externamente à empresa através do Valor Compartilhado (COSTA, 2018).

Neste sentido, o ESG ao invés de ser considerado uma tarefa adicional à gestão das empresas, assume um aspecto estratégico crucial para o seu sucesso, “especialmente frente aos riscos e oportunidades decorrentes das profundas transformações do macroambiente de negócios” (BELINKY, 2022, p. 54). Cada empresa estabelece a sua estratégia de implementar o ESG de acordo com sua estrutura e cultura, podendo haver adaptação dos sistemas de medição de desempenho e incentivos para obter uma melhor integração dos aspectos ESG nos processos principais (UNITED NATIONS, 2004).

Fundamentalmente está o forte compromisso por parte dos líderes e gerentes, a adaptação de modelos de negócios e uma comunicação eficiente com os clientes e partes interessadas sobre estratégias e práticas sustentáveis, ou seja, a abordagem é abrangente e implica mudanças estruturais na cultura da empresa (OECD, 2021). Aich *et al.* (2021, p.2) coloca que “Em poucas palavras, pode-se dizer que o investimento ESG é uma amálgama interconectada de sustentabilidade e sistemas financeiros para melhores lucros”, todo pensamento de sustentabilidade pode ser visto como um investimento em um ativo intangível, que gera resultados no curto, melhor a satisfação do consumidor (portanto, melhorar a reputação de uma empresa), e no longo prazo, eleva a força de trabalho (maior produtividade) e traz maior participação no mercado (OECD, 2021).

2.3 Iniciativas globais e suas estruturas

Os relatórios de sustentabilidade são usados como resposta às expectativas das partes interessadas, incluem informações econômicas, ambientais e sociais que possuem o objetivo de fornecer ideias de como suas atividades se relacionam com o assunto sustentabilidade. Os relatórios ajudam na comunicação com as partes interessadas e beneficiam a empresa com uma percepção de reputação e são um meio de justificar sua legitimidade perante a sociedade. (ORAZALIN; MAHMOOD, 2020).

Quadro 3 - Estruturas aplicáveis

| Tipo | Exemplo | Descrição |
|---|--|---|
| 1. Padrões baseados em princípios e metas globais | <ul style="list-style-type: none"> – Pacto Global da ONU – Diretrizes da <i>OCDE</i> – <i>PRI</i> – ODS – <i>Greenhouse Gas Protocol</i> – <i>Paris Climate Agrément</i> | <ul style="list-style-type: none"> – Não são considerados como um selo de aprovação para as ações das empresas e nem representam uma estrutura de avaliação baseada em conformidade para questões |
| 2. Padrões de certificação | <ul style="list-style-type: none"> – SA8000 – <i>Fair Labor Association (FLA)</i> – <i>Marine Stewardship Council</i> – ISO 14001 | <ul style="list-style-type: none"> – Envolvem certificação, verificação e monitoramento de instalações de produção em relação a critérios predefinidos. – Fornece aos observadores e críticos externos, em particular, um grau de garantia de que os padrões declarados estão realmente sendo atendidos. |
| 3. Padrões de relatórios | <ul style="list-style-type: none"> – <i>Global Reporting Initiative (GRI)</i> – <i>SASB</i> – <i>CDP</i> – <i>CDSB</i> – <i>TCFD</i> – <i>Value reporting foundation</i> – <i>Integrated Reporting</i> – <i>Science Based Targets initiative</i> | <ul style="list-style-type: none"> – Os relatórios fornecem estruturas abrangentes e padronizadas no aspecto ESG. – Definem indicadores e diretrizes que as corporações podem usar para padronizar as práticas de relatórios não financeiros e comunicar seu impacto social e ambiental às partes interessadas |
| 4. Padrões de processo | <ul style="list-style-type: none"> – <i>AA - Accountability Principles Standard)</i> – <i>ISO – International rganization for Standardization</i> | <ul style="list-style-type: none"> – Definem métodos e processos que podem ser usados por corporações para desenvolver uma estrutura organizacional em torno da responsabilidade corporativa. – Práticas de gestão que dão orientação sobre a integração da gestão de questões sociais em toda a organização. – Os padrões de processo oferecem orientação gerencial essencial sobre como gerenciar a responsabilidade corporativa em uma empresa. |

Fonte: Adaptado de Orazalin e Mahmood (2020), Gilbert, Rasche e Waddock (2011) e Adams e Abhayawansa (2022)

Todas as estruturas e ferramentas visam, essencialmente, responsabilizar as empresas por seus julgamentos, atos e omissões socioambientais. Além das já citadas, há, mesmo sendo baseado em princípios, o Pacto Global da ONU, a SA8000 e ISO 14001 (ambas ferramentas para monitoramento e certificação) como meios de incentivo e orientação para a responsabilidade corporativa (GILBERT; RASCHE; WADDOCK, 2011).

A adesão de acordo com a estrutura aponta para 76% no uso dos Princípios para o Investimento Responsável (PRI), 57% *Task Force on Climate-related Financial Disclosures (TCFD)*, 48% *Carbon Disclosure Project (CDP)*, 38% *Global Reporting Initiative (GRI)*, 31% *Sustainability Accounting Standards Board (SASB)*, 20% estrutura própria (MSCI, 2021). Independente da estrutura, porque os padrões diferem em detalhes, todas apresentam “maneiras de avaliar, medir e comunicar sistematicamente seu desempenho social e ambiental” (GILBERT; RASCHE; WADDOCK, 2011, p. 23) e o “reporte sistemático de dados ESG não deve ser um fim em si mesmo, mas, sim, uma ferramenta para identificação de falhas e oportunidades melhoria” (BELINKY, 2022, p. 55).

2.3.1 Principles for Responsible Investment (PRI)

Em 2006, pela ONU, foi promulgado os Princípios para o Investimento Responsável (PRI). Esses princípios e o seu conjunto de práticas, preveem a ligação entre os fatores ESG e o desempenho do investimento sendo voluntária a sua adesão por parte dos investidores (CAPLAN; GRISWOLD; JARVIS, 2013).

Os PRIs possuem adesão voluntária e são um conjunto aspiracional de princípios de investimento que oferecem um menu de ações possíveis para incorporar questões ESG na prática (na pesquisa de investimentos e nos processos de tomada de decisão) de investimento, basicamente, introduz uma estrutura de divulgação que propicia a avaliação das práticas ESG de seus signatários (CECCARELLI; GLOSSNER; HOMANEN, 2021).

Um dos resultados esperados no PRI é que se use os fatores ESG para se avaliar as empresas e ativos em específico e na medida em que eles são relevantes para o desempenho, isso retira a eliminação imediata a partir de registros ambientais, sociais ou de governança e passa a olhar para o que de fato é importante naquele segmento (CAPLAN; GRISWOLD; JARVIS, 2013).

Quadro 4 – Seis Princípios PRI

| | | |
|--|--|--|
| Incorporar os temas ESG às análises de investimento e aos processos de tomada de decisão | Ser pró-ativo e incorporar os temas ESG às políticas e práticas da propriedade de ativos | Buscar sempre fazer com quem as entidades nas quais se investe divulguem suas ações relacionadas aos temas ESG |
| Promover a aceitação e implementação dos Princípios dentro do setor de investimento | Ampliar a eficácia na implementação dos Princípios | Divulgar relatórios sobre atividades e progresso da implementação dos princípios |

Fonte: Adaptado de Brandon *et al.* (2022).

Os seis Princípios para o Investimento Responsável (PRI) Ceccarelli, Glossner e Homanen (2021, p.2) constituiu a “maior rede de investidores em investimento responsável” e em linha com o aumento significativo no número de signatários do Pacto Global, o uso dos PRIs continuou a crescer (SIEVÄNEN *et al.*, 2013). Em 2018, havia 49 signatários no Brasil, sendo 15 fundos de pensão, 22 gestoras de recursos e 12 prestadores de serviço Costa (2018).

Quadro 5 - Módulos PRI e avaliação

| Módulos principais | Tipos de perguntas | Publicação | Avaliação |
|--|--|---|--|
| 1) Estratégia e Governança | <ul style="list-style-type: none"> Obrigatório para relatar e divulgar Obrigatório para relatar e voluntário para divulgar Voluntário para relatar e divulgar | <ul style="list-style-type: none"> O primeiro tipo de perguntas é publicado como parte dos relatórios de transparência dos investidores no site do PRI. O segundo tipo é publicado apenas com o consentimento do signatário enquanto para o último tipo o signatário pode optar por não responder | <ul style="list-style-type: none"> A equipe do PRI classifica então todos os vários módulos da estrutura de relatórios. A partir das respostas os signatários recebem uma pontuação que pode levar valores de “A+” a “E” |
| 2) Patrimônio Líquido | | | |
| 3) Propriedade Ativa | | | |
| 4) Seleção, Nomeação e Monitoramento de Gestores de Ativos | | | |

Fonte: Adaptado de Ceccarelli; Glossner; Homanen (2021)

O relatório Guidance and case studies for esg integration: equities and fixed income traz uma referência de framework do PRI, com o intuito de que os profissionais possam analisar

as técnicas de integração ESG e traçar aquilo que é mais adequado para seu negócio, no material fica claro que as técnicas de integração ESG de uma empresa não são, necessariamente, as técnicas certas para todas as empresas, mas é plenamente possível, através do framework, comparar o utilizado por seus pares (CFA INSTITUTE, 2018).

Sievänen *et al* (2013) cita que devido o PRI buscar a liderança no estabelecimento de padrões globais de boas práticas no setor de investimentos é possível se beneficiar de, primeiramente, um enriquecimento da visibilidade e credibilidade e em seguida as ferramentas oferecidas centra-se especialmente no envolvimento através da sensibilização, desenvolvimento de capacidades, advocacia e partilha de informações e outro benefício está no relatório anual e processo de avaliação que além de demonstrar o progresso da implementação dos seis princípios, também serve de referência internacional para os signatários.

Quadro 6 - Integração ESG normalmente tem três componentes

| Níveis | Objetivo | Características |
|----------------------|--|--|
| 1.Pesquisa | Prevê análise qualitativa e de Propriedade Ativa. | São coletadas as informações financeiras e ESG de várias fontes, feita a análise de materialidade (identificar fatores financeiros e ESG relevantes que afetam uma empresa, setor e/ou país) e por fim a avaliação de propriedade ativa onde discutem fatores financeiros tradicionais relevantes e fatores ESG com empresas/emissores e monitoram o resultado das atividades de engajamento e/ou votação. |
| 2.Nível de segurança | Avaliação de Títulos (Ações e Renda Fixa) | São feitas as análises de segurança que avaliam o impacto de fatores financeiros e ESG relevantes no desempenho corporativo e de investimento de uma empresa, setor, país e/ou portfólio. |
| 3.Nível do portfólio | Gerenciamento de riscos, Construção de portfólio e Alocação de ativos. | Decisão de investimento: os fatores financeiros tradicionais relevantes e os fatores ESG identificados e avaliados influenciam a decisão de comprar/aumentar a ponderação, manter/manter a ponderação, vender/diminuir a ponderação ou não fazer nada/não investir. |

Fonte: Adaptado de CFA Institute (2018)

Entender as implicações de ESG e apoiar os investidores na integração dessas questões em suas práticas de gestão e direcionamento para que investidores considerem questões ESG ao avaliar o desempenho de qualquer empresa são os objetivos do PRI, assim, qualquer empresa de capital aberto deve se engajar e relatar suas atividades ESG (ATAN, 2017)

2.3.2 Task Force on Climate-related Financial Disclosures (TCFD)

O Task Force on Climate-related Financial Disclosures, traduzido para o português significa Força-Tarefa sobre Divulgações Financeiras Relacionadas ao Clima, ele foi criado em

2015 pelo Conselho de Estabilidade Financeira (FSB) e é considerado como um guia que recomenda as empresas voluntariamente a divulgar informações (usadas para avaliar e precificar) sobre riscos e oportunidades relacionadas as mudanças climáticas (SCHOLTEN et al., 2020) (TCFD, 2017), especificamente, visto que ela se tornou ainda mais importante após ocorrência dos desastres climáticos (ALEXANDRINO, 2020) em 2019 e no início de 2020, que impactou na segurança das empresas e pessoas (UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME; UNITED NATIONS GLOBAL COMPACT, 2020).

Em 2017 foram testados por parceiros técnicos, de modeladores climáticos a especialistas em riscos climáticos os riscos físicos (Riscos agudos e Riscos crônicos) e de transição (Riscos legais e de política, Riscos tecnológicos, Riscos de mercado e Riscos de reputação) para uma economia de baixo carbono (e riscos de litígio para seguradoras), sendo pioneiros em abordagens práticas para avaliar esses riscos usando análises de cenários climáticos e forneceram informações valiosas e para a tomada de decisões sobre os principais desafios no tema tornarão mais, além dos riscos e oportunidades poderem ser precificados com mais precisão, permitindo uma alocação mais eficiente de capital (UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME, 2021).

As recomendações TCFD, segundo o Relatório final de Recomendações TCFD (TCFD, 2017) e os autores O'dwyer e Unerman (2020) estão estruturadas em quatro áreas temáticas que representam elementos centrais de operação das empresas:

- a) Governança: Desenvolver uma governança da organização em torno dos riscos e oportunidades relacionados ao clima visando o aumento da conscientização sobre o tema, oferecendo treinamentos e desenvolvendo sistemas e processos que considerem a gestão de riscos e responsabilidades de nível de gestão e conselho administrativo.
- b) Estratégia: Desenvolver um plano de implementação simplificado, contemplando impactos reais e potenciais dos riscos relacionados ao clima e oportunidades nos negócios, incluindo estratégia operacional e planejamento financeiro da organização a partir da análise de cenários (avaliação da resiliência econômica de uma empresa em diferentes circunstâncias de restrições climáticas) e setor. Utiliza-se da análise de materialidade.
- c) Gestão de riscos: Com os processos desenvolvidos para identificar riscos e oportunidades em diferentes cenários relacionados ao clima (em nível macro), deve-se avaliar e gerenciar (definição de um plano de implementação de longo, médio e curto prazo) os riscos.

- d) Métricas e Metas: Métricas (Indicadores) e metas usadas para avaliar e gerenciar riscos e oportunidades relevantes relacionados ao clima, ambos em linha com a Gestão de riscos, definido os principais indicadores de desempenho para uma profunda condução e acompanhamento. Envolve as fases 1, 2 e 3 e GEE.

As quatro áreas temáticas do TCFD são distribuídas em 3 fases de desenvolvimento, a primeira considera objetivos diretos aos temas, a segunda se concentra na estratégica de gerenciamento dos riscos e a terceira mantém gerenciamento de riscos e agrega as métricas e metas (UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME; UNITED NATIONS GLOBAL COMPACT, 2020).

Quadro 7 - Categorias típicas de riscos e oportunidades relacionados ao clima

| Categorias de riscos | Oportunidades relacionadas ao clima |
|-----------------------------|---|
| Mercado e tecnologia | <ul style="list-style-type: none"> • Policies and investments to deliver a low carbon emissions economy • Reduced market demand for higher products/ commodities • Increased demand for energy efficient, lower-carbon products and services • New technologies that disrupt markets |
| Reputação | <ul style="list-style-type: none"> • Growing expectations for her responsible conduct from stakeholders, including investors lenders and customers, • Opportunity to enhance reputation and brand value • Risk of loss of truth and confidence in management |
| Político e legal | <ul style="list-style-type: none"> • And erosion patchwork offers acquirments at international, national, and the state level • Increased input operating costs for high carbon activities • Threats to securing license to operate for high carbon activities • Emerging concern about liabilities |
| Físicos | <ul style="list-style-type: none"> • Chronic changes and more frequent and severe extreme of climate • Increased business interruption and damage across operations and supply chains with consequences for input costs revenues asset values and insurance claims |

Fonte: Scholten *et al.*, (2020, p. 9)

O Relatório TCFD recebe muita atenção nos círculos políticos porque demonstra, considerando diferentes níveis ou cenários de mudança climática, a exposição aos riscos ESG e a dependência (atrelada a sustentabilidade) das empresas ou corporações e mesmo as empresas ambientalmente bem posicionadas, estão expostas a riscos relacionados ao clima decorrentes das emissões de outros (O'DWYER; UNERMAN, 2020).

Scholten *et al.* (2020) cita a análise de cenário, que corresponde a modelagem de vários cenários futuros plausíveis de aquecimento global, no TCFD é o ponto chave para a disponibilidade e qualidade das informações. O autor ainda cita que como o foco é o clima os

conceitos de Pegada de carbono são levados em consideração na análise de um cenário de aumento de temperatura de 2 graus conforme acordado no Acordo de Paris de 2015.

Os principais riscos e oportunidades físicos e transitórios nos negócios de uma corporação precisam ser incorporados nos processos de gestão e análise de risco em nível corporativo e isso requer certa habilidade. Neste contexto O'dwyer e Unerman (2020, p. 1115) colocam que a “materialidade dos riscos identificados é um componente importante tanto na realização quanto no relatório da análise de cenários baseados no clima e na forma como essa análise é incorporada aos processos de gerenciamento de risco em nível corporativo”.

O TCFD busca simplificar o processo de materialização, concentrando-se nas necessidades de um público investidor, credor ou subscritor de seguros ao invés das necessidades dos usuários que essencialmente regem as avaliações de materialidade. Entretanto, não se extingue a mistura de prazos de longo e curto prazo e objetivos prioritários mas se considera que “quanto maior o impulso político e a pressão social para se transformar em economias de baixa emissão em um cenário, maiores serão os riscos financeiros e as oportunidades associadas à transição para essas economias de baixo carbono” (O'DWYER; UNERMAN, 2020, p.1121).

2.3.3 Carbon Disclosure Project (CDP)

O Carbon Disclosure Project (CDP) é uma organização sem fins lucrativos que através de um questionário formulado por investidores institucionais e endereçados às principais bolsas de valores do mundo, mapeia, padroniza em relatório global de emissões de Gases do Efeito Estufa (GEE) e divulga informações sobre as políticas de mudanças climáticas (FARIA; ANDRADE; GOMES, 2018).

Algo de fundamento do CDP são as mudanças climáticas no qual se cita o aumento do nível dos oceanos e aquecimento global ambas são potencializadas pela grande emissão de Carbono (C) (GUO; LEE, 2020). Os “gases à base de C (CO₂—Dióxido de Carbono e CH₄—Metano) são o primeiro e o segundo GEE antropogênicos mais importantes, que levam respectivamente às mudanças climáticas” (SRA; BOOTH; COX, 2022, p.180).

A estrutura do questionário sobre mudanças climáticas do CDP foi reformulada em 2018 e incorporou questões específicas para 16 setores de alto impacto (Commodities agrícolas, Produtos Químicos, Mineração, Óleo e Gás e outros). O questionário conta com 14 módulos

Introdução, Aprovação e um módulo apresentado apenas as organizações que respondem a solicitações de clientes de um ou mais Membros do Programa Supply (CARBON DISCLOSURE PROJECT, 2022).

De acordo com Faria, Andrade e Gomes (2018, p.165) “Ao responder o questionário do CDP as empresas não estão apenas fornecendo informações, mas também estão aderindo a novas práticas de divulgação voluntária, buscando atender a necessidades de stakeholders quanto às informações sobre as Mudanças Climáticas”.

Quadro 8 - Módulos de resposta do questionário CDP

| | | |
|-------------------------------|-------------------------|---------------------|
| Governança | Dados das emissões | Engajamento |
| Metodologia sobre as emissões | Precificação do carbono | Metas e desempenho |
| Verificação | Estratégia de negócios | Métricas adicionais |
| Riscos e oportunidades | Energia | |

Fonte: Adaptado de Carbon Disclosure Project (2022)

Além de auxiliar os tomadores de decisão a reduzir os riscos em suas empresas e no meio ambiente, o intuito do CDP é criar uma relação entre acionistas e empresas focada em oportunidades de negócio decorrentes do aquecimento global, auxiliando na geração de um capital maior e com menos impactos tanto na questão de emissões de gases quanto na gestão hídrica (SNC-LAVALIN, 2021).

Duas ações preliminares ao CDP e atreladas as medidas preventivas e de redução do GEE são a contabilidade de carbono (inventário de emissões) no nível do solo (divulgações de carbono e gestão de carbono) no nível da corporação (GUO; LEE, 2020) e pesquisa para explorar se os esforços estabelecidos têm oferecido retorno para as empresas (SRA; BOOTH; COX, 2022).

Segundo Guo e Lee (2020) existem quatro categorias de carbono, sendo elas científico, políticos, econômicos e corporativos e podem ser identificados como físicos, monetários e de insumos. Se considera o ciclo de vida e a individualidade do produto no estabelecimento da gestão e monitoramento de emissões de GEE, pois ela é feita ao longo do tempo e adequando

ao cenário da manufatura, é envolvido método para custeio de emissões de carbono através de análise de fluxos de valor de carbono.

Sra, Booth e Cox (2022) falam que há um grande crescimento das divulgações de carbono no ambiente corporativo e o CDP aparece, por meio de sua metodologia “como um outro motivador de evidenciações” (FARIA; ANDRADE; GOMES, 2018, p. 178) ligadas aos esforços de sustentabilidade ambiental e organizacional. Há também um interessante genuíno sobre proporção de esforço da companhia e seu nível de sustentabilidade atual e pretendido de sustentabilidade, Sra; Booth; Cox (2022, p. 185) “Quanto maiores as emissões de carbono e equivalentes, menor a sustentabilidade ambiental esforços. Portanto, isso leva a um menor valor de mercado da empresa.”

Guo e Lee (2020) citam que as informações submetidas no Relatório CDP são públicas e disponíveis a todos, que a participação é voluntária, mas se utilizando da justificativa da volatilidade, tem ocorrido solicitações explícitas (aos fornecedores, no caso) por parte das grandes empresas e instituições (como os bancos e grupos de financiadores) que visam benefícios como melhor desempenho corporativo, desenvolvimento de produtos amigos do clima, melhoria da imagem da empresa ou melhor gestão das emissões. Os autores ainda citam o Greenwashing, as empresas se aproveitam do programa CDP para melhorar sua imagem em vez de aumentando diretamente seu desempenho de carbono real, “normalmente se refere à redução de carbono (em vez de divulgação) [...] que deve ser medido usando o grau de redução de carbono em termos absolutos ou em termos de intensidade” (GUO; LEE, 2020, p.4).

2.3.3 Global Reporting Initiative (GRI)

A Global Reporting Initiative (GRI), traduzido para a língua portuguesa “Iniciativa Global de Relatórios”, foi criada pela CERES (organização sem fins lucrativos de defesa da sustentabilidade) e Tellus Institute (um programa das Nações Unidas) no ano de 1997 em Boston nos Estados Unidos da América (EUA), mais tarde, em 2002, a GRI foi realocada para Amsterdam na Holanda (GRI, 2022).

A GRI desenvolveu a chamada “Sustainability Reporting Guidelines”, traduzido para a língua portuguesa “diretrizes para relatórios de sustentabilidade”, um framework que pode ser adotado por organizações de diferentes tamanhos, setores e localidades (GLOBAL REPORTING INITIATIVE, 2006). Existem quatro versões da estrutura GRI, a primeira versão

foi lançada em 2000, a segunda em 2002, a terceira em 2006 com uma atualização no ano de 2011 e, por fim, a quarta versão lançada em 2013 (MASCENA; FISCHMANN; BOAVENTURA, 2017) (STOCKER; TONTINI; SARTURI, 2020). Ao todo são 38 normas GRI organizadas entre Normas Universais que são as de Fundamentos (número 101), Conteúdos Gerais (número 102) e Forma de Gestão (103) e em Normas Específicas nas séries: 200 que tratam de tópicos Econômicos, 300 sobre tópicos Ambientais e 400 tópicos Sociais (GLOBAL SUSTAINABILITY STANDARDS BOARD, 2016).

As diretrizes da GRI abordam a importância dos aspectos de desempenho econômico, ambiental e social aplicáveis a todas as entidades e o padrão de relatório GRI consiste em 79 itens de três principais indicadores de desempenho, sendo eles: contribuição econômica (9 itens), desempenho ambiental (30 itens) e responsabilidade social (40 itens). A organização, então, escolhe as normas específicas para relatar seus tópicos materiais e pode tanto usar Normas selecionadas com uma declaração de GRI-referenciado ou considerar o relatório em total referência ao Padrão GRI, no caso, declarar que foi elaborado em conformidade com às Normas GRI na opção Essencial ou Abrangente (GRI STANDARDS, 2016b).

Com relação ao nível de aplicação das diretrizes GRI, há um percentual de empresas analisadas que divulgam seus relatórios de sustentabilidade, porém não adotam as diretrizes GRI (30%). Entretanto, em seguida está a utilização da diretriz GRI G4 (26%), ou seja, as empresas adotam a GRI e o fazem de acordo com a norma mais atual publicada pela organização (STOCKER; TONTINI; SARTURI, 2020, p. 430).

Segundo GRI (2022) e GRI STANDARDS (2016a) a sua estrutura consiste em um sistema modular de padrões interconectados que se apresentam como Padrões Universais (se aplicam a todas as organizações), Padrões Setoriais (aplicáveis a setores específicos) e Padrões de Tópicos Específicos (preconiza divulgações relevantes para um tópico específico). E podem ser elaborados na opção Essencial ou abrangente. Essencial por apresentar um mínimo de informações para entender a natureza da organização, os tópicos materiais e impactos causados por eles, além de como estes são geridos. No modelo Abrangente, são adicionadas informações sobre estratégia, ética, integridade e governança, além de serem relatados todos os conteúdos específicos para cada tópico material coberto pelos Padrões GRI.

Quadro 9 - Conteúdo básico do relatório na estrutura GRI

| Perfil | Informações sobre a Forma de Gestão | Indicadores de Desempenho | | |
|--|--|--|-------------------------|----------|
| Informações que fornecem o contexto geral para a compreensão do desempenho organizacional, incluindo estratégia, perfil e governança | Dados cujo objetivo é explicitar o contexto no qual deve ser interpretado o desempenho da organização numa área específica | Expõem informações sobre o desempenho econômico, ambiental e social da organização passíveis de comparação | | |
| | | Indicadores | Contribuição econômica | 9 itens |
| | | | Desempenho ambiental | 30 itens |
| | | | Responsabilidade social | 40 itens |

Fonte: Adaptado de Mascena; Fischmann; Boaventura (2017) e Orazalin; Mahmood (2020)

O GRI, portanto, define princípios, aquilo que deve ser seguido ao longo do relatório e se tratando de conteúdo, há a inclusão dos interesses dos stakeholders, contexto da sustentabilidade, materialidade, completude e princípios para (ORAZALIN; MAHMOOD, 2020) (MASCENA; FISCHMANN; BOAVENTURA, 2017). Exatidão, equilíbrio, clareza, comparabilidade, confiabilidade e tempestividade fazem parte do quesito Qualidade. Quanto aos dados, eles são absolutos, em métricas internacionalmente aceitas e contendo notas explicativas. E no relatório as informações são do atual período e pelo menos dois períodos prévios são cobertos pelo relatório, considerando futuras metas de curto e médio prazo, se tiverem sido estabelecidas (GRI STANDARDS, 2016a).

Quadro 10 - Importância GRI na visão de autores

| Descrição GRI | Autor |
|---|---|
| “A organização que possui liderança na propagação desses relatórios de sustentabilidade é a GRI” | Stocker; Tontini; Sarturi (2020, p. 422) |
| “GRI é a iniciativa de divulgação socioambiental considerada como a mais importante e amplamente aceita internacionalmente” | Mascena; Fischmann; Boaventura, (2017, p. 24) |
| “um dos modelos mais utilizados de relatório de sustentabilidade é o modelo desenvolvido pela Global Reporting Initiative (GRI)” | Stocker; Tontini; Sarturi, (2020, p. 420) |
| “o framework GRI é considerado o mecanismo mais amplamente aceito para práticas de RS considerando sua adoção, abrangência, prestígio e visibilidade em todo o mundo” | Orazalin; Mahmood, (2020, p. 142) |

Fonte: Autor

Utilizar diretrizes GRI para os relatórios de sustentabilidade aumenta as percepções de credibilidade e de acordo com o estudo feito por Xiao e Shailer (2022) os relatórios cumprem plenamente o papel de conceder confiança ao stakeholder. Orazalin e Mahmood (2020) citam

que quando não utilizada as diretrizes GRI, nos chamados relatórios autônomos, as informações são pouco abrangentes e pouco confiáveis, seria, o que impacta diretamente na credibilidade do material.

Stocker; Tontini; Sarturi (2020) também destacam a importância da GRI como ferramenta, tanto para as organizações quanto para os stakeholders, porque é estabelecido ali uma regulamentação entre as partes. Além de perpetuar o relacionamento, se criam relacionamentos novos e diferentes a partir da utilização, entre outras fontes, da divulgação dos relatórios de sustentabilidade.

2.3.4 Sustainability Accounting Standards Board (SASB)

O Sustainability Accounting Standards Board (SASB) em tradução livre para a língua portuguesa, Conselho de Padrões Contábeis de Sustentabilidade, é uma organização sem fins lucrativo, fundada em 2011, que atualmente faz parte de uma fusão entre o International Integrated Reporting Council (IIRC) e a Value Reporting Foundation que “desenvolveu padrões de relatórios para mesclar sustentabilidade e informações financeiras, aproveitando a definição de materialidade para fins de relatórios financeiros” (JEBE, 2019).

Para fazer uso comercial as empresas precisam se licenciar e os padrões SASB são específicos para cada setor da indústria e variam em vista dos diferentes riscos e oportunidades de sustentabilidade. A divisão de setores do SASB é composta por Infraestrutura, Extração e Mineração, Finanças, Bens de consumo, Tecnologia e Comunicações, Transporte, Transformação de recursos, Serviços, Alimentos e bebidas, Cuidados de saúde e por fim Recursos Renováveis e Energia Alternativa (SASB, 2022c).

Busco *et al.* (2020) expõe que os padrões de contabilidade SASB, ajudam as empresas e investidores a desenvolver uma linguagem comum sobre os impactos financeiros da sustentabilidade e as organizações, por sua vez, acreditam que o SASB fornece um conjunto claro de padrões para publicação de informações de sustentabilidade em uma ampla gama de questões (SASB, 2022b) além de demonstrar enquadramento aos 17 ODS dentro das categorias ESG (CONSOLANDI *et al.*, 2020).

Quadro 11 - Exemplo riscos e oportunidades considerando SASB

| Dimensão considerada | Riscos Gerais | Prestação de cuidados de saúde | Bebidas não alcoólicas | Utilidades elétricas e geradores de energia | Publicidade e marketing | Autopeças | Metais e mineração |
|--------------------------------|---|--------------------------------|------------------------|---|-------------------------|-----------|--------------------|
| Meio Ambiente | Emissões de Gases do Efeito Estufa | | x | x | | | x |
| | Qualidade do ar | x | | x | | x | x |
| | Gerenciamento de energia | | x | x | | | x |
| | Gestão de água e esgoto | x | x | x | | x | x |
| | Gestão de resíduos e materiais perigosos | | | | | | x |
| | Impactos ambientais e ecológicos | | | | | | x |
| Social | Direitos humanos e Relações com a comunidade | x | | | x | | x |
| | Privacidade dos clientes | x | | x | | | |
| | Segurança dos dados | x | x | | | x | |
| | Acesso e acessibilidade | x | | | x | | |
| | Qualidade dos produtos e Segurança | x | x | | | | x |
| | Satisfação do cliente | | | | | | x |
| Capital Humano | Práticas de venda e rotulagem de produtos | | | | | | x |
| | Práticas Laborais | x | | | | x | |
| | Saúde e Segurança do trabalhador | x | x | | x | x | |
| Modelos de negócios e inovação | Engajamento dos funcionários, diversidade e inclusão | | | | | | |
| | Desenvolvimento de produto e gerenciamento do ciclo de vida | | | x | | | |
| | Modelo de negócios resiliente | | | | | | |
| | Gerenciamento da cadeia de suprimentos | x | | | | | |
| | Eficiência e Fornecimento de Materiais | x | x | | | | |
| Liderança e Governança | Impactos Físicos das Mudanças Climáticas | | x | | | | |
| | Ética de negócios | | | | | | |
| | Comportamento Competitivo | | | | | | |
| | Gestão do Ambiente Legal e Regulatório | | | | | | |
| | Gerenciamento de Riscos de Incidentes Críticos | | | x | | | x |
| | Gestão de Risco Sistêmico | | | x | | x | |

Fonte: SASB (2022a)

O SASB baseia sua análise na materialidade e isso o posiciona com ações de relação direta aos relatórios ESG, pois alinha os interesses da sociedade e negócios sustentáveis, abordando os riscos e oportunidades que podem afetar a condição financeira de uma organização (CAPLAN; GRISWOLD; JARVIS, 2013). "Os investidores precisam de divulgação que identifique claramente quais fatores ESG impactam o desempenho financeiro e precisam dessa divulgação de uma forma útil para tomada de decisão" (JEBE, 2019, p. 648), é

isso que tem atraído gestores de investimentos que operam principalmente em ativos e gestão de risco, apoiado a emissão de relatórios que seguem tanto os padrões do SASB quanto a estrutura climática do TCFD (TETTAMANZI; VENTURINI; MURGOLO, 2022).

Os Padrões abordam riscos e oportunidades relacionados à sustentabilidade que podem afetar a condição financeira de uma organização (ou seja, seu balanço patrimonial), desempenho operacional (ou seja, sua demonstração de resultados) ou perfil de risco (ou seja, sua avaliação de mercado e custo de capital). Com 77 padrões da indústria disponíveis, os Padrões SASB fornecem os dados comparáveis e confiáveis que são procurados pelos investidores. Os Padrões SASB podem ser usados através de Framework para fortalecer seu relatório integrado (VALUE REPORTING FOUNDATION, 2022).

O SASB visa a criação de um material para entender como uma organização cria valor empresarial através das informações ESG ampliadas (materialidade do impacto, materialidade financeira de curto médio e longo prazo, relatório financeiro) para melhores decisões econômicas (VALUE REPORTING FOUNDATION, 2022). Busco *et al* (2020) listaram sete etapas para correta adoção do padrão SASB:

1. Familiarizar com o trabalho do SASB
2. Confirmar seu setor e indústria no SICSTM
3. As empresas devem identificar os geradores de valor financeiro relevantes para cada tópico de divulgação que considerem importante
4. Avaliar a qualidade de seus sistemas internos de controle e medição para relatar esses tópicos de divulgação, os investidores provavelmente esperam garantias positivas sobre os relatórios ESG
5. Considerar a criação de um plano para relatórios baseados em SASB. Isso começa com seu primeiro relatório baseado nos padrões do SASB, que pode ser feito em um relatório de sustentabilidade ou relatório integrado
6. As empresas devem reconhecer que os relatórios externos têm muito mais usos e públicos do que aqueles pretendidos por um papel anual ou relatório eletrônico em PDF
7. À medida que os relatórios baseados no SASB se tornam mais comuns, as empresas devem estabelecer um processo de melhoria contínua com base em análises externas e feedback, embora o SASB seja focado nos acionistas, outros stakeholders devem ser consultados na medida do possível.

Para Consolandi *et al.*, (2020) a utilização dos padrões SASB funciona como uma forma de resolver o problema da padronização das ESG e medidas de desempenho relacionadas, já que provém de uma organização independente sem fins lucrativos (não é um avaliador ou classificador).

2.1.2. ESG, Gerenciamento de Riscos e Materialidade

O autor Jebe (2019) fala que os investidores entendem que os fatores ESG sinalizam volatilidade e risco em uma grande variedade. Para as empresas eles são interpretados como causadores de perdas que podem ser financeiras ou de reputação, interrupção e até fechamento do negócio. São exemplos, a proibição do plástico, que impacta e pode destruir toda a classe de compra (SMIRNOV, 2020), combustíveis fósseis e Lei Dodd-Frank sobre minerais que são insumos cruciais para eletrônicos (JEBE, 2019).

Os Riscos atrelados ao ESG geralmente são complexos e se estendem substancialmente num horizonte temporal, eles “representam um grande desafio a esse respeito, pois são de natureza fundamentalmente diferente de muitos outros riscos rotineiramente precificados pelos mercados” (O’DWYER; UNERMAN, 2020, p. 1115). Segundo Smirnov (2020) a redução das perdas potenciais é o resultado esperado do trabalho de avaliação de risco ESG e das ações de adesão aos princípios do desenvolvimento sustentável.

As empresas conduzem as ações de resposta e fundamenta com informações os *stakeholders* através da adoção de ações de resposta oriundas do mecanismo de gestão de riscos adotado e isso auxilia na identificação das vulnerabilidades em que as atividades empresariais estão sujeitas. Neste mesmo sentido, da transparência, além da execução de auditorias, o governo aparece como detentor de um fator determinante porque pode obrigar as empresas a evidenciar e divulgar informações de forma pública. (FARIA; ANDRADE; GOMES, 2018).

O’dwyer; Unerman (2020) citam que os relatórios de sustentabilidade são uma alternativa para relatar de maneira consistente e ampliar o nível de resolução das ações de resposta aos riscos, segundo os autores “um pré-requisito para que os mercados precifiquem os riscos com eficiência neste contexto é o fornecimento de informações de alta qualidade, compreensíveis e confiáveis” (O’DWYER; UNERMAN, 2020, p.1115). Informações sobre eventos inesperados que possam representar riscos de reputação para um sócio geral, sócio

limitado ou empresa do portfólio também possuem importância (CAPLAN; GRISWOLD; JARVIS, 2013).

Quadro 12 - Três parâmetros principais para determinação dos níveis de materialidade dos riscos ESG

| | | |
|---|---|---|
| 1) as questões mais importantes para a conformidade na indústria atual; | 2) fatores que mais afetam as finanças os resultados das empresas do setor em termos de relação receita/custo, ativos/passivos, custo de capital; | 3) a probabilidade do evento e o valor do impacto do problema principal a fim de identificar problemas que não afetarão diretamente as finanças da empresa, mas podem ser significativos para os investidores |
|---|---|---|

Fonte: Adaptado de Smirnov (2020)

Um componente importante na gestão de riscos é a materialidade (O'DWYER; UNERMAN, 2020). Ela se diferencia de empresa e indústrias além de apresentar flutuação ao longo do tempo, ou seja, a magnitude (natureza dinâmica da materialidade e intensidade) da materialidade se modificam, e, apresentam variabilidade, de acordo com o momento. É possível que os problemas emergentes sejam resolvidos antes se tornem financeiramente grandes e uma condição crítica para a materialidade é a discrepância entre o comportamento corporativo e as necessidades sociais (SMIRNOV, 2020).

A materialidade para as organizações é um “elemento-chave na avaliação e priorização [...] dos riscos e oportunidades que ela enfrenta e para os riscos e oportunidades relacionados ao clima não são exceção” (O'DWYER; UNERMAN, 2020 p. 1125) além disso para os usuários de dados ESG, gerenciamento de riscos e materialidade estão no centro de qualquer processo analítico, por isto que se exige mecanismos de padronização dos relatórios, os dados precisam ser de qualidade (CAPLAN; GRISWOLD; JARVIS, 2013).

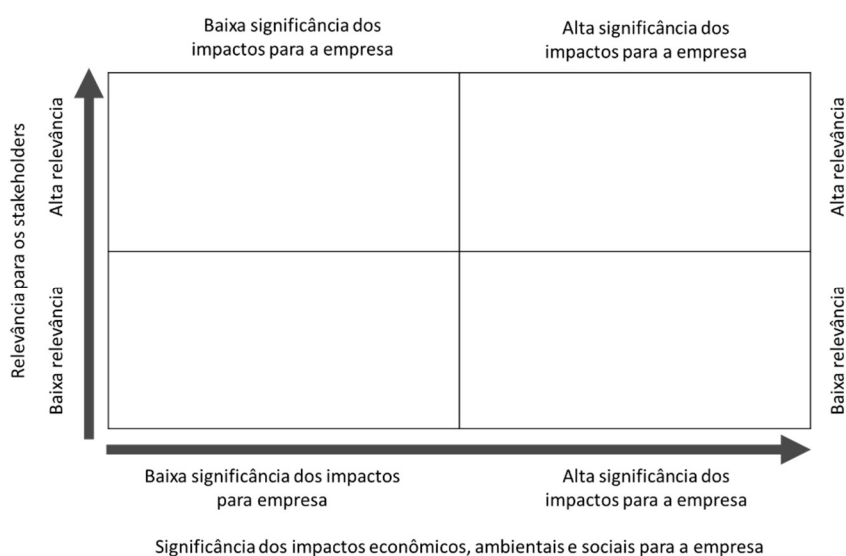
Segundo o autor Belinky (2022) existem dois conceitos de Materialidade, o primeiro é baseado na determinação dos tópicos de sustentabilidade baseados nos impactos significativos da organização para economia, meio ambiente e pessoas e sua importância para seus stakeholders. O segundo tem o objetivo voltado para a tomada de decisão, a empresa lista o subconjunto de temas de sustentabilidade que são material para a criação de valor empresarial, já reconhecendo que parte desse desempenho pode já estar refletido nas contas financeiras anuais. Os dois conceitos quando juntos, assumem a materialidade no sentido dinâmico.

Existe outro conceito de Materialidade, desta vez esclarecido por JEBE (2019), onde fala em dois aspectos. O Primeiro tem implicações sobre a Conformidade (o chamado *compliance*), nesse aspecto há uma base na divulgação de informações, seus limites, obrigações

legais das companhias (regulamentações). E o segundo aspecto está relacionado ao Mercado. Neste, os interesses do investidor são postos em foco e a materialidade usada como uma importante ferramenta para acesso ao capital das empresas.

A matriz de materialidade favorece a priorização dos temas de maior importância (SUSTENTÁVEL, 2021), pois analisa de um tema em relação ao outro e considera duas dimensões: influência (exercida sobre a avaliação e decisões stakeholders) e a significância (riscos ou oportunidades atrelados aos fatores econômicos, ambientais e sociais). A lista pode ser elaborada através de Pesquisas Dirigidas a Stakeholders, Benchmarking, Analisando a Mídia ou Recorrendo às Redes Sociais, por exemplo (GLOBAL SUSTAINABILITY STANDARDS BOARD, 2016).

Quadro 13 - Exemplo de Matriz de Materialidade



Fonte: Sustentável (2021)

Os relatórios de sustentabilidade são construídos a partir das definições dos temas econômicos, sociais e ambientais mais importantes para a organização, esta lista de temas prioritários traduz a materialidade do negócio, portanto, o ESG “prioriza temas com base na materialidade” (BELINKY, 2022, p.89) que tende a ser definida por meio de um enquadramento de relatório financeiro que lhe confere o papel de apurar a importância da divulgação de um item de informação (ou sua omissão) aos usuários (O’DWYER; UNERMAN, 2020).

Quadro 14 - Fatores de relevância para materialidade

| | | | |
|---|--|---|---|
| Impactos econômicos, ambientais e/ou sociais razoavelmente estimáveis; | Os interesses e expectativas das partes interessadas, | Amplitude econômica, social e/ou ambiental, | Principais temas e desafios futuros para um setor, identificados por pares e concorrentes; |
| Leis, regulamentos, acordos internacionais ou acordos voluntários de relevância estratégica para a organização e seus stakeholders; | Principais valores organizacionais, políticas, estratégias, sistemas de gestão operacional, metas e metas; | As competências essenciais da organização e a forma como podem contribuir para o desenvolvimento sustentável; | Consequências para a organização relacionadas aos seus impactos na economia, meio ambiente e/ou sociedade (por exemplo, riscos ao seu modelo de negócios ou reputação); |

Fonte: GRI Standards (2016a)

É citado por Caplan; Griswold; Jarvis (2013) que a materialidade está associada ao uso de métricas chamadas *Key Performance Indicator (KPI)*, em português os chamados Indicadores Chave de Desempenho, foi a partir dos KPIS que os Reguladores, associações industriais, empresas de investimento e os investidores institucionais começaram a desenvolver métodos específicos para determinar a materialidade.

2.4 Relatório de sustentabilidade e a perspectiva de estrutura própria

O relatório de sustentabilidade possui um “propósito mais amplo em relação a responsabilidade das partes interessadas” (O’DWYER; UNERMAN, 2020, p. 1119.) e se entende sustentabilidade como atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades, essa definição surgiu em 1987 na intitulada Comissão Brundtland. E para que o desenvolvimento sustentável aconteça é necessário que haja uma abordagem integrada considerando as preocupações ambientais juntamente com o desenvolvimento econômico e social (UNITE NATIONS, 2022).

Os relatórios de sustentabilidade são também chamados de relatório de Responsabilidade Social Corporativa (RSC), é comumente considerado periodicamente anual e ali as empresas exercem o objetivo de informar os investidores e outras partes interessadas através da divulgação e compartilhamento de suas ações e resultados ESG (PAPOUTSI; SODHI, 2020).

Quadro 15 - Características importantes nos relatórios de sustentabilidade

| Itens de Confiabilidade | Características |
|-----------------------------------|---|
| Credibilidade da fonte (garantia) | Competência, confiabilidade, experiência em gestão, honestidade, histórico de gerenciamento e supervisão e monitoramento de gerenciamento |
| Credibilidade da mensagem | Materialidade e integridade das divulgações de sustentabilidade |

Fonte: Adaptado de Xiao e Shailer (2022)

Xiao e Shailer (2022) definem o relatório de sustentabilidade como uma prática comercial dominante e o seu conteúdo pode ser considerado como informações de prestação de contas já que trata dos impactos das ações de uma corporação sobre as partes interessadas, bem como estar focado nos impactos de sustentabilidade do negócio efetivamente, como um aporte de informações financeiras direcionadas ao público-alvo investidor (O'DWYER; UNERMAN, 2020).

Quadro 16 - Fatores relevantes para a avaliação da credibilidade de Relatório de sustentabilidade

| | Credibilidade da fonte | Credibilidade da mensagem | | |
|--|--|---|---------------------------------------|--|
| Fatores derivados da literatura de relatórios de sustentabilidade | Experiência de gestão, Competência de gestão | Compleitude | Presença de garantia | |
| | Confiabilidade da gestão, Honestidade da gestão | Comparabilidade | Nível de garantia | |
| | Engajamento das partes interessadas | Pontualidade | Uso de padrão de garantia | |
| | Reconhecimento do desempenho de sustentabilidade | Materialidade | Quantificação de informações | |
| Uso de diretrizes de relatórios de sustentabilidade | | Tom equilibrado | | |
| Fatores adicionais identificados em entrevistas | Histórico de gestão de fornecer informações de sustentabilidade confiáveis | Uso de métricas de desempenho de sustentabilidade apropriadas | Escopo de garantia | |
| | Supervisão e responsabilidade | Consistência das métricas de desempenho de sustentabilidade ao longo do tempo | Independência do provedor de garantia | |
| | Apoio e compromisso da gestão com os relatórios de sustentabilidade | Consistências das informações do relatório de sustentabilidade com outra informação | Reputação do provedor de garantia | |
| | | Robustez do sistema na coleta de informações de sustentabilidade | Expertise do provedor de garantia | |

Fonte: Xiao e Shailer (p. 6, 2022)

Orazalin; Mahmood (2020) citam que as informações sobre atividades econômicas, ambientais e sociais tem tido sua importância aumentada nos últimos e os relatórios de sustentabilidade, chamado de autônomos pelos autores, tem elevado a níveis mais altos de divulgação voluntária. A qualidade, quantidade e transparência das informações traduzem em compromisso com a RSC e a sustentabilidade, isto tem sido fundamental para melhor posicionamento de mercado e reputações.

Assim como relatórios financeiros, os de sustentabilidade podem ser verificados ou assegurados por auditores independentes e essa é estratégia comum, voluntária ou moldada por pressões comerciais e controle gerencial, que visa demonstrar confiabilidade às partes interessadas. Como principais mecanismos de regulação pode ser citado a ISAE 3000 (Serviços de garantia), AA1000 (Responsabilização social), ISO 26000 (Responsabilidade Social Empresarial), diretrizes GRI, fala-se que a Organização Internacional para Padronização (ISO) tem a oportunidade de criar uma norma específica descreve diretrizes para relatar as iniciativas de sustentabilidade da empresa (PAPOUTSI E SODHI, 2020). As ISOs 9001 (Sistema de Gestão da Qualidade), 14001 (Sistema de Gestão Ambiental) e 45001 (Sistema de Gestão de Saúde e Segurança Ocupacional (SGSSO) também são citadas como parte fundamental de práticas ESG (informação verbal)¹ e conseqüentemente importantes para a emissão de relatórios consistentes.

2.6 *Greenwashing*

Os estudiosos postulam que as empresas com maior desempenho em sustentabilidade divulgam seus esforços de sustentabilidade mais do que outras empresas e em contraste, empresas com baixo desempenho em sustentabilidade estão menos dispostas a divulgar seus esforços. A lógica por trás desse comportamento é divulgar apenas quando os benefícios da divulgação excedem os custos relacionados (PAPOUTSI; SODHI, 2020), (BOIRAL; HERAS-SAZARBITORIA; BROTHERTON, 2020), (MACHADO, B. A. A.; DIAS; FONSECA, 2021).

Papoutsi e Sodhi (2020) citam que de acordo com a teoria institucional, é a legitimidade que impulsiona a divulgação de sustentabilidade, levando as empresas a usar relatórios de sustentabilidade para “gestão de impressão” para melhorar a reputação da empresa por meio de *greenwashing*. Os autores dizem que as empresas são seletivas e até estratégicas sobre o que

incorporam em seus relatórios. Um meio para mitigar o risco de *greenwashing* é a utilização de diretrizes de divulgação, como o GRI, elas enfatizam diferentes práticas ESG.

As empresas fornecem aos acionistas uma ideia de seus esforços de sustentabilidade por meio desses relatórios, que são, portanto, úteis para indicar o desempenho. Uma visão oposta é que as empresas usam esses relatórios principalmente para influenciar as percepções das partes interessadas, sem ter que se esforçar muito em sustentabilidade, entregando-se assim ao “*greenwashing*” (PAPOUTSI; SODHI, p.1, 2020)

Sobre o *greenwashing*, o Conselho de Normas Internacionais de Contabilidade (IASB), Conselho Internacional de Padrões de Sustentabilidade (ISSB) e o Grupo Consultivo Europeu de Relatórios Financeiros (EFRAG) estabeleceram metas e diretrizes voltadas para gerenciar a dinâmica ESG, conseqüentemente, aumentam a obrigatoriedade do fornecimento de informações de alta qualidade que também sejam claras e comparáveis (TETTAMANZI; VENTURINI; MURGOLO, 2022).

(BELINKY, 2022) expõe que casos de *greenwashing* e acusações de inconsistência em índices e rankings de sustentabilidade empresarial não afetam apenas o campo da sustentabilidade empresarial e estão ligados ao chamado “fenômeno dos modismos de gestão”. A confusão de terminologias e na aplicação de instrumentos, comprometem a qualidade das análises e decisões de gestores, estrategistas e formuladores de políticas públicas. Em decorrência há a baixa na credibilidade, impactos, até irreversíveis, na reputação das empresas além dos danos a sociedade e ao ambiente.

A constatação do *greenwashing* pode se dar pelo simples fato da participação das empresas para a divulgação ESG ser voluntária. De um lado está a real mitigação dos impactos ambientais, do outro, a motivação por impulsos de relações públicas e voltadas a melhorar a imagem verde das empresas. Mas já existem métodos para detecção do *greenwashing* como examinação do grau de correlação entre divulgação, desempenho e classificação verde (GUO; LEE, 2020)

2.7 Indicadores ESG

Nem sempre a utilização dos indicadores chave de desempenho esteve tão próximo ao ESG, muito porque os relatórios divulgados pelas empresas de capital aberto não incluíam dados não financeiros (onde se concentram os de ESG). Investidores e especialistas já entendem

e sinalizam a necessidade desses dados não financeiros para o processo de tomada de decisão e foi a partir daí que se iniciou o uso da métrica chamada indicadores chave de desempenho, comumente chamados pela abreviação KPI (CAPLAN; GRISWOLD; JARVIS, 2013). Eles fornecem informações sobre o desempenho ou impacto significativo de uma organização nos aspectos econômicos, ambientais e sociais (TAGHAVI; ADAMS; BERLIN, 2014) e possuem o caráter de determinar materialidade (CAPLAN; GRISWOLD; JARVIS, 2013).

Quadro 17 - Exemplo de medidas financeiros

| Medidas relacionadas a | Indicadores |
|-------------------------------|---|
| Lucratividade | ROA, ROE, ROI e ROS |
| Mercado | Q de Tobin, Preço por Lucro, Lucro por Ação e Fluxo de Caixa, Retorno Acionário |

Fonte: Adaptado de Alexandrino (2020)

Existe reconhecimento de que questões ESG não capturadas pela análise tradicional de investimento sejam de relevância para o desempenho do investimento, a exemplo estão a eficiência energética, emissões de carbono, tratamento de resíduos tóxicos, segurança do trabalho, relações com funcionários e governança corporativa (CAPLAN; GRISWOLD; JARVIS, 2013). Isto preconiza uma análise conjunta dos indicadores tradicionais de riscos e oportunidade com os de ESG, já que os KPIs são identificados para cada uma das áreas do desenvolvimento sustentável e são integrados ao modo de operar das empresas, incluindo sua missão, objetivos, culturas e estratégias (ALEXANDRINO, 2020).

Os KPIs servem para acompanhar e medir a sustentabilidade dos sistemas de produção e seus resultados e como fornecem as empresas um objetivo claro de esforço para aumentar ou diminuir os valores de medição em relação a um status atual servem como direcionador na definição táticas, por exemplo, para prevenção de acidentes, redução de resíduos, redução do uso de recursos, reutilização e substituição. Eles fornecem às empresas um objetivo operacional claro (TAGHAVI; ADAMS; BERLIN, 2014).

Uma abordagem proativa e com foco para perspectivas a longo prazo, é vital não apenas garantir a estabilidade geracional, mas também para que as empresas alcancem a sustentabilidade e sucesso. Os KPIs tendem a se concentrar em medições indesejáveis como número de acidentes, por exemplo, o desafio então é equilibrar, através de orientação e estabelecimento de visões, os KPIs entre proativos (preventivo, visão futuro) e reativos (correção, mitigação, resposta). Entre as características dos KPIs, ser simples (metodologia

delimitada e transparente) e ser direcionalmente seguro (relevante, significativo) são as principais. (TAGHAVI; ADAMS; BERLIN, 2014).

Quadro 18 - Categorização indicadores ESG definida pela Thomson Reuters

| Tema | Categoria | Peso da Categoria | Questões e problemas analisados por investidores |
|-------------|-----------------------------|--------------------------|--|
| Ambiental | Uso de recursos | 11% | Das alterações climáticas; Biodiversidade; |
| | Emissões | 12% | Pegada ambiental; Recursos e gestão de energia; Biocapacidade e qualidade do ecossistema; Poluição do ar; |
| | Inovação | 11% | Recursos naturais; Recursos hídricos e poluição; |
| Social | Trabalhadores | 16% | Impacto na comunidade; |
| | Direitos humanos | 4,5% | Direitos humanos; |
| | Comunidade | 8% | Relações entre empregados; Mão de obra qualificada; Saúde e segurança; |
| | Responsabilidade do produto | 7% | Diversidade; Relação com clientes; Responsabilidade produto; |
| Governança | Gestão | 19% | Integridade comercial; Direito dos acionistas; Pagamento executivo; Práticas de auditoria; Independência e experiência do conselho; Gestão de riscos; |
| | Acionistas | 7,0% | Dever fundiário; Transparência/responsabilidade; Transações com partes relacionadas; Estruturas de ações de classe dupla; Práticas fiscais; |
| | Estratégia | 4,5% | Práticas anticorrupção; |

Fonte: Adaptado de Chvátalová; Šimberova (2013)

Os autores Chvátalová e Šimberova (2013) citam que o uso de um sistema de informação adequado é de fundamental importância para a medição a partir do uso de métodos quantitativos, os KPIs. Isto facilita a comparação e a avaliação do desempenho de sustentabilidade, que segundo Taghavi; Adams; Berlin (2014) precisa ser feito em diferentes níveis, ou seja, Macro (nível internacional e nacional), Meso (nível do setor industrial), Micro (nível da empresa individual) e nível da fábrica.

Por meio do GRI já se tem a identificação direta dos Indicadores de Desempenho Essenciais (CPI) e os Indicadores de Desempenho (PIs) de aplicação geral e por meio do Código de governança corporativa da OCDE o estabelecimento de um conjunto básico de indicadores de desempenho de governança (CHVÁTALOVÁ; ŠIMBEROVA, 2013).

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

As duas metodologias, qualitativa e quantitativa, traduzem diferentes lógicas e perspectivas e a maior importância está sua sustentação dada através da construção de uma teoria de base que sustente o modelo metodológico escolhido (MACHADO, D.; GUTIERREZ, 2020). “Podemos dizer que a pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas que se utiliza de um método para investigar e analisar essas soluções buscando também algo novo no processo de conhecimento” (CARVALHO, 2012, p.185), por tanto, independente da abordagem, algo é investigado, então o importante é se ter uma teoria de base que sustente a construção daquele modelo metodológico (MACHADO, D.; GUTIERREZ, 2020).

O presente trabalho não busca resultados estatísticos, portanto se enquadra na abordagem qualitativa (CRESWELL, 2010) que é composta por dados e informações oriundas de diversas fontes e que utilizam de procedimentos variados como entrevistas e observações, documentos e livros (FLICK, 2009). Os autores Machado e Gutierrez (2020) expressam que a preocupação da pesquisa qualitativa se concentra na compreensão dos fenômenos em profundidade, diferente da quantitativa onde a explicação em extensão é menor.

O uso dessa abordagem qualitativa objetiva reconstruir teorias e/ou desenvolver referência e/ou conceder condições explicativas da realidade sobre o tema, e o pesquisador é livre para experimentar, vivenciar e capturar as impressões compartilhadas (relatos) do sujeito (GODOY, 2005) (MACHADO, D.; GUTIERREZ, 2020).

Dentro dessa abordagem existe uma busca por “aprofundamento da compreensão de uma organização ou grupo social, em forma não numérica” (A. MACHADO; VENDRUSCOLO; RODRIGUES, 2022, p. 9) e os dados primários serão colhidos por entrevista e os secundários por documentos, artigos e dissertações que trazem questões em estudo sobre o tema (FINATTO, 2022).

Será considerada a utilização da triangulação que “significa a combinação entre diversos métodos qualitativos mas também a combinação entre métodos qualitativos e quantitativos”(FLICK, 2009, p. 43). É um procedimento rigoroso que incrementa a qualidade das pesquisas qualitativas e reduz a problemática de deficiências, insuficiências e omissões que advêm da utilização de um método de coleta único ou uma única fonte de dados. (ZAPPELLINI; FEUERSCHÜTTE, 2015). “Em outras palavras, triangulação em pesquisa qualitativa está relacionada à observação de determinado ponto de análise perante, pelo menos,

dois pontos de vista distintos, duas técnicas de coleta de dados, por exemplo” (CÁRDENAS *et al.*, 2018, p. 246).

O caráter exploratório também é presente neste trabalho, por buscar compreender o conceito de ESG, apontar as práticas (e lacunas) e propor novas ações relacionadas ao ESG da empresa (CRESWELL, 2010). O caráter descritivo se faz presente pois são fornecidos dados relevantes e em quantidade para o entendimento de um fenômeno como um todo incluindo um conjunto de técnicas interpretativas que buscam contribuir com o entendimento por meio de sua descrição, decodificação e tradução (GIL, 2002).

Quadro 19 - Rigor e confiabilidade na pesquisa qualitativa

| Elementos de rigor metodológico | Cuidados para a confiabilidade |
|---|---|
| 1. A manutenção de uma postura crítica e reflexiva sobre todo o processo de trabalho | 1. Verificar a posição e status do pesquisador e sua interferência em relação ao problema investigado |
| 2. A descrição pormenorizada das atividades de pesquisa, do processo de coleta e elaboração/construção de dados | 2. Realizar uma escolha criteriosa de informantes |
| 3. A articulação coerente com teorias explicativas (fundamentação teórica) que ofereçam conceitos capazes de permitir a interpretação dos dados | 3. Escolher as melhores condições para a coleta de dados (individual/grupal) e, principalmente, |
| | 4. Explicar o caminho seguido para a escolha teórico-metodológica. |

Fonte: Adaptado de Machado, D.; Gutierrez (2020)

Como método optou-se pela análise através de estudo de caso por tende a ser mais detalhada e rica, permitindo uma abordagem fundamentalmente descritiva e interpretativa dos fenômenos estudados (FLICK, 2009), propiciando uma visão ampla do problema, ou ainda, de encontrar possíveis causas que o influenciam ou o fazem ser influenciado (CAUCHICK MIGUEL, 2007). Por tanto, a pesquisa classifica-se como qualitativa, descritiva e por estudo de caso (MARTINS, G. de A., 2008).

Dentro do estudo de caso, as entrevistas foram realizadas entre os dias 15 e 30 de setembro com 4 membros da empresa que possuem cargos igual ou superior ao de gerência, considerando atuação de nível corporativo e ligação direta com o tema de estudo. Os entrevistados, assim como a empresa, tiveram seus nomes preservados e são chamados no presente documento de Empresa ABC e de Entrevistado 1, 2, 3 e 4.

O questionário (Anexo 1) foi dividido em quatro módulos de perguntas, sendo eles: geral, ambiental, social e governança. Ao todo somam-se vinte perguntas e o roteiro foi de elaboração própria com referências de Martins, F., (2022), Cristina e Miranda (2021) e Ribeiro

et al., [s. d.]). O software MAXQDA 2022 foi utilizado como auxiliar no processo de análise qualitativa. A partir dele foi feita a organização das transcrições das entrevistas por pergunta e tema, bem como comparações, análises de códigos, palavras chaves, repetições, concordâncias e discordâncias entre perguntas e entre entrevistado.

3.1 Caracterização do objeto de estudo

O estudo de caso foi realizado em uma empresa ligada ao agronegócio brasileiro, do ramo de fertilizantes minerais. Ela atua no segmento desde a lavra do minério fosfático até a entrega do fertilizante mineral ao cliente, no entanto, não se caracteriza como cadeia verticalizada já que possui incremento de terceiros no seu principal insumo, a rocha fosfática. Se localiza na região nordeste do Brasil e possui duas unidades industriais em operação, uma para mineração, lavra e concentração do minério, e outra destinada ao beneficiamento do minério, transformação da rocha moída em fertilizantes pó e granulado.

O seu principal produto, a rocha fosfática, um recurso natural finito, sua extração da natureza requerem uma série de estudos de viabilidade técnica e financeira, ações de respostas aos impactos ambientais provenientes do processo normal de extração e atendimento as legislações ambientais nacionais. A tecnologia utilizada no processo de lavra e concentração da rocha não utiliza água, por tanto, as barragens de rejeito são sólidas, em pilha.

A empresa está ativa desde os anos de 1968 e seu mercado de atuação é focado atualmente na região nordeste do país. Possui origem familiar e, apesar da idade longa, recentemente, entre os anos de 2013 e 2019, a empresa passou por um processo de parceria através de um contrato *joint venture* com uma empresa estrangeira líder no segmento de fertilizantes nitrogenados. Uma percepção importante para o presente estudo é que, devido ao fim da parceria entre as empresas, o cenário demonstrado no estudo de caso corresponde às execuções e aspirações de um ambiente novo, que apresenta uma estrutura organizacional enxuta, com acionistas (membros de uma mesma família) muito próximos às rotinas da alta administração, mas que mantém conselho administrativo independente com conselheiros internos, externos e diretor presidente contratado.

A empresa desenvolve, diretamente, o tema sustentabilidade e responsabilidade social através de Investimento Social Privado (ISP). São dois investimentos ativos mantidos pela empresa estudada, um com foco em desenvolvimento social, fundando em 2003, e outro direcionado para a conservação de biodiversidade (mantém um criadouro científico de fauna

silvestre) e educação socioambiental, fundado em 2005. As localidades alcançadas pelos ISPs são as regionais onde estão seus escritórios e unidades fabris.

Tanto a unidade de mineração quanto a de beneficiamento estão próximas a povoados e ambiente urbano. Os processos de mineração e beneficiamento envolvem movimentação de máquinas, movimentação de materiais sólidos finos, operação de grandes equipamentos, processos químicos exotérmicos e circuitos de linhas de vapor e ar comprimido. Neste contexto, o equilíbrio e a harmonia entre comunidade e empresa são aspectos muito relevantes.

Os trabalhos diretos ao tema sustentabilidade iniciaram em 2012, mas não foram executados plenamente devido aos processos do contrato de parceria com a empresa estrangeira da qual detinha poder majoritário quanto às decisões – o que foi feito ou priorizado não foi objeto de avaliação no presente trabalho. Nos anos de 2017 e 2018 constam evidências, a partir de observação direta, de um inventário de atendimento ao relatório de sustentabilidade baseado no modelo GRI, sendo a empresa estudada, inclusive, considerada como signatária já que o parceiro majoritário se declarava como tal. As discussões foram retomadas em 2020 para revisão da agenda de sustentabilidade, buscando orientá-la ao movimento ESG pelo mercado financeiro.

No ano de 2021 foi firmada a contratação de consultoria especializada para condução de workshops internos com o fim estruturar a agenda ESG para curto, médio e longo prazo em vista das propensões de crescimento e oportunidades com uma orientação ao movimento ESG pelo mercado financeiro. Os temas prioritários foram definidos no ano 2021, divididos em quatro temas ambientais (Clima, Água, Resíduos e Biodiversidade), quatro temas sociais (Trabalho, Diversidade, Uso do produto e Comunidades) e dois temas de governança (Diálogo e Transparência). Para a empresa, os temas são considerados como a expressão de um esforço de priorização de uma agenda potencialmente mais ampla. A partir dos temas prioritários foram definidos ações e projetos num horizonte de execução de 4 anos, com interface (e liderança) direta das áreas de RSC, Saúde, Segurança, Meio Ambiente, Gestão de pessoas, Processos Comerciais, e Compras/Suprimentos.

Para suportar a estrutura desenhada, é utilizado um comitê interno denominado “Comitê interno para ESG Empresa ABC” que possui periodicidade bimestral e realizado junto ao comitê executivo, para discutir e analisar o status das ações estabelecidas. Ali se reúnem a figura do Diretor e Gerente de RSC (que também é o coordenador do tema ESG) na empresa, representantes de cada área envolvida (demais diretorias e suas gerencias).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O assunto ESG se não está inserido nas empresas, certamente será em algum momento breve, seja em consistência menor ou maior, de acordo com os objetivos esperados ou simplesmente porque ele já está presente no dia a dia das partes interessadas. Para cada um dos temas: Ambiental, Social e Governança, uma gama de assuntos são abordados, com base no que dizem os estudiosos e suas percepções, mas muito alinhados com os padrões (relatório GRI, por exemplo) baseados em princípios e metas globais (ODS, por exemplo), já que é fundamental algo que possa ser seguido e que permita comparações, e elimine dúvidas quanto a veracidade e segurança das informações.

Os relatórios de sustentabilidade por si só, podem indicar ou não a adoção de práticas ESG já que sua estrutura pode ser de elaboração própria com vieses de comunicação e propósitos bem definidos de acordo com a necessidade da empresa, é uma publicação voluntária. Neste contexto se aborda a questão do *greenwashing* e outras ações no âmbito da Qualidade, Segurança das pessoas e processos, Riscos e a Materialidade dos aspectos e impactos ESG.

Analisar a agenda ESG da empresa é o ponto de partida para compreender como são conduzidas as práticas ESG e como é o seu conceito a luz da teoria supracitada, para isto foi utilizada a estratégia de pesquisa com estudo de caso através do método entrevista para a coleta de dados, a triangulação então é propícia para que houvesse o recolhimento de detalhes em quantidade e qualidade suficientes para uma abordagem descritiva e interpretativa das práticas e lacunas ESG da empresa estudada.

4.1 Identificação da agenda e práticas ESG

O ponto de partida foi compreender pela visão dos entrevistados se o ESG é um tema praticado de fato e de importância para a Empresa ABC, praticado no sentido de possuir uma estrutura lógica, com concordância à conceituação das práticas ESG citadas neste trabalho, que propicie o planejamento, execução e controle de ações atreladas, bem como uma visão temporal do que é pretendido alcançar dentro das esferas ambiental, social e governança.

O histórico familiar da Empresa ABC é uma característica essencial a ser considerada na análise deste trabalho, Siqueira (2021) coloca que são vitalícios o poder decisório e a estrutura de propriedade que os donos representam, assim, também se vê uma cultura empresarial com diretrizes bem definidas que tende a se manter por longos anos, e ficou constatado que presentes no modo de fazer negócios da Empresa ABC. De forma unânime para os entrevistados, o ESG é tido como presente e com execuções muito ativas dentro da organização, o Entrevistado 3 cita que o assunto fica “sob a vigília e a contribuição direta dos acionistas e conselheiros internos e externos”, ambos citaram atenção dada ao fator Social e Ambiental, com materialidade a partir do ano de 2003, a partir dos Investimentos Sociais Privados (ISP).

Quanto a aplicabilidade das práticas ESG na Empresa ABC, o Entrevistado 1 citou que primeiramente, se busca uma agenda ESG regular praticada pelas empresas socialmente responsáveis e de ramo similar ou comparável e, completou o raciocínio mencionando que “a continuidade e inserção de novas abordagens e melhores práticas são maiores do que um ponto de chegada em específico”, a partir disso se identifica uma ambição natural da Empresa ABC em aprimorar suas ações para implementação de práticas ESG bem como o cumprimento e complemento da sua agenda para que se torne mais sustentável. Por outro lado, o Entrevistado 3, citou a preocupação em “manter uma ambição de acordo com a capacidade de execução, pois estão envolvidos tempo, esforço técnico e recurso” segundo ele isso também faz parte do “ser responsável”, do cumprir com o compromisso firmado – neste ponto fica evidente que a Empresa ABC apresenta uma postura contrária ao *Greenwashing*.

Em concordância ao exposto, na visão de todos os entrevistados o tema ESG é tido como importante para a Empresa ABC, segundo o Entrevistado 3 “desde 2018 o tema é tratado formalmente em fóruns específicos” e a Empresa ABC possui diferencial em que o “tema ESG é pauta permanente das reuniões semanais de diretoria, comandadas pelo CEO” e tal observação pode ser confirmada e tida como fundamental pela OECD, a participação e contribuição das lideranças e alta administração nas agendas (OECD, 2022).

Ao falar das práticas ESG e ODS, o principal vínculo com os ODS na Empresa ABC está em Investimento Social Privado (ISP), a empresa é fundadora e principal mantenedora de dois ISPs, um deles focado em desenvolvimento social, e outro em preservação de biodiversidade. Os ISPs possuem uma combinação de interesses comerciais com benefícios sociais, são uma alternativa saudável às práticas ESG e são tido como contribuintes à sustentabilidade dos negócios porque ajudam no posicionamento marca, imagem e reputações

organizacionais, além de serem observados positivamente por investidores, principalmente estrangeiros (FONSECA; LADEIRA; CAJAZEIRA, 2021).

Entretanto, não foi observado na Empresa ABC algo que indique formalidade ao assunto ODSs, e isto se evidencia afirmativo quando observado os relatórios de sustentabilidade publicados. O Autor Neves (2022) fala que a vinculação direta aos ODS possui, fundamentalmente, origem na forma que o ESG é composto nas empresas, quando não identificado, pode se caracterizar como uma limitação. Nas entrevistas, a falta de vinculação dos ODSs na Empresa ABC foi atrelada a falta de menção, para o Entrevistado 1 “os ODS são mais visualizados em fóruns internos específicos” e “existem várias iniciativas que conversam com os ODSs, mas não identificou formalmente nos seus últimos relatórios”, exposição do Entrevistado 3.

Khaled, Ali, Mohamed (2021) e Pizzi *et al.* (2020), mencionam que os ODS devem ser usados como uma forma de avaliar o progresso da implementação das práticas ESG e a constatação da falta de vinculação aos ODSs se une às oportunidades relacionadas as métricas ESG da empresa ABC. Neves (2022, p. 104) adianta expondo que “não é tarefa fácil mensurar o desempenho corporativo em questões ambientais sociais e de governança” e isto está intrinsecamente relacionado ao que as empresas propõe e priorizam e ao nível de comprometimento dado ao tema. O Entrevistado 3 expôs que “um dos grandes desafios da Empresa ABC é o de fazer os devidos registros das métricas já existentes, eles não estão concatenados para facilitar o rastreo e avaliação”, para os entrevistados 1 e 2 “as métricas prioritárias existem e há espaço para aprimoramento” para o Entrevistado 4 “há oportunidade, principalmente no aprimoramento das métricas ambientais”, tal menção é inteligente e pode ser conectada com uma constatação feita por (SIQUEIRA, 2021, p.38) “a opinião pública brasileira é extremamente focada em questões ambientais”.

E em se tratando da observância de lucros, se sabe que a performance financeira possui uma associação direta com o tamanho da empresa, ao setor que opera e a sua exposição no mercado, ficando mais facilitada a avaliação e constatação em empresas com ativos (NEVES, 2022). Quando questionados, nenhum dos entrevistados apresentou posicionamento confirmatório de que a Empresa ABC aponta lucros provenientes de suas práticas ESG, o Entrevistado 4, por exemplo, citou que “a agenda atual está muito no começo da implantação na empresa por isto a mensuração do resultado fica dificultada”, entretanto, para o Entrevistado 2 comentou que a pauta ESG “traz benefícios atrelados a captação de crédito e facilidades com bancos”. As menções dos entrevistados aparecem em linha ao exposto pelo autor Siqueira (2021) onde a preocupação com a sustentabilidade (alguns temas em evidencia como redução

da pegada ambiental, atenção a qualidade de vida dos funcionários, ética, transparência, cuidado com comunidade) faz ganhar a confiança de investidores e consumidores, além de incentivar práticas de inovação que também entram gatilho na relação entre as práticas de sustentabilidade e o desempenho financeiro e de mercado. O assunto inovação foi trazido à tona por um dos entrevistados, para Broadstock *et al.* (2020) o efeito das práticas no desempenho das empresas é o engajamento em atividades de criação de inovação, eles vinculam essa influência positiva ao termo “*doing well by doing good*”, que traduzido para a língua portuguesa significa “fazer bem fazendo o bem”.

Sobre comunicação dos resultados às partes interessadas e possíveis investidores, o Entrevistado 1 disse que a Empresa ABC encara a comunicação a através dos seus relatórios anuais como uma motivação espontânea, “uma prestação de contas ao público de interesse”. O Entrevistado 4 possui uma avaliação de que a comunicação dos resultados ESG “é importante para sustentar o plano de expansão da empresa”. O Entrevistado 1 disse que a comunicação é importante porque as unidades produtivas estão “localizadas em ambiente urbano, com vizinhança próxima, e a comunicação ajuda “a sensibilizar para aquilo que a empresa faz de boas práticas e o seu investimento em sustentabilidade”. E para elevar os níveis de sustentabilidade os entrevistados apresentaram opiniões distintas sobre como fazê-lo vide Quadro 20.

Quadro 20 – Elevação do nível de sustentabilidade na visão dos entrevistados

| Como elevar os níveis de sustentabilidade na empresa? | |
|---|--|
| Entrevistado 1 | “É um processo contínuo. Sempre há oportunidade” |
| Entrevistado 2 | “O aumento da sustentabilidade é perseguido e tem um ponto essencial que é sensibilizar os colaboradores para a agenda prioritária” |
| Entrevistado 3 | “Eu acho bem fácil, simples de se tornar mais sustentável. Não é só olhar para a quantidade de execuções, porque há uma potência nas realizações do dia a dia, mas encarar como uma jornada” |
| Entrevistado 4 | “Há espaço para melhorar, ser mais eficiente principalmente no consumo dos recursos naturais” |

Fonte: Autor

Quanto a estrutura adotada nos relatórios publicados, o Entrevistado 3 expos que “como a empresa é recente, optou-se por preparar um relatório bienal, dos anos 2021 e 2022, para que pudesse ser feita a estruturação de captura e formatação das informações conforme as diretrizes GRI”, portanto, a característica dos relatórios emitidos até o momento da entrevista era de Elaboração Própria. Os entrevistados 1,2 e 4 não mencionaram palavras ou termos que

pudessem ser conectados com o assunto Estruturas de Relatórios, no entanto, quanto a auditoria dos dados expostos, ocorrem auditorias de terceira parte nas áreas Fiscal e Finanças, portanto, os dados financeiros publicados nos relatórios são originados de um processo verificado, essa foi uma exposição do Entrevistado 4. Existe a correlação de que as empresas com melhor atuação no geral divulgam melhor o ESG e “como parte das Nações Unidas recomendação para as empresas divulgarem a prática ESG até 2030” (MOHAMMAD; WASIUZZAMAN, 2021, p. 9).

A Empresa ABC possui como premissa às práticas ambientais, de acordo com o Entrevistado 1 e 2, “Primeiro lugar, atender rigorosamente a legislação ambiental que é uma das mais rigorosas do mundo” e “buscar tecnologias que sejam melhores ambientalmente, como a escolha de um outro combustível, uma nova alternativa na geração de energia”. O Entrevistado 2 citou que é possível “aumentar medições e controles” e Entrevistado 3 mencionou que “o grande passo está relacionado a GEE, neste ano” tanto nas operações quanto nos projetos.

A maior parte das ações ESG, segundo Siqueira (2021, p.11), das medidas adotadas, pelas empresas brasileiras são focadas em impactos sociais, o que contradiz a expectativas do consumidor que direciona para impactos ambientais sendo que as atividades mais realizadas foram “o apoio emergencial à covid-19 (20%), o apoio às comunidades do entorno (20%) e políticas de equidade de gênero (19%)”(SIQUEIRA, 2021, p.11). Atrelado a isto, está o tema Gerenciamento de Resíduos. Todos os entrevistados sinalizaram ser um tema que requer “revitalização” ou “pode ser muito melhorado” ou “pode ser explorado” ou “pode ser gerido com maior eficiência e agregando valor”, mesma percepção para gerenciamento de energia, água e esgoto, mas “existe uma preocupação real e cuidados efetivos com manejo de águas” citou o Entrevistado 2. A implementação de práticas ESG exige um consumo generosa de recursos organizacionais, que nem sempre estão disponíveis ou tem essa finalidade como prioridade (NEVES, 2022), por outro lado, empresas latino-americanas que não investem na variável ambiental provocam uma deterioração no desempenho financeiro (GARCIA; ORSATO, 2020).

Sobre Saúde e Segurança dos Trabalhadores, o Entrevistado 1 citou que “são existentes políticas, estruturadas para poder desenvolver o melhor ambiente de trabalho para as pessoas que elas possam chegar e sair com segurança, que elas possam passar o seu dia, desempenhar suas funções com segurança”, o Entrevistado 2 mostrou concordância “são práticas naturais das empresas e que precisam ser melhoradas continuamente e as pessoas precisam ser sensibilizadas nisso”.

Voltando o tema Segurança para o Produto o Entrevistado 3 e 4 mencionaram que “qualidade e a segurança do produto é um assunto que tem sido solicitado aprofundamento, pra se entender quais são os critérios que estão sendo ou que devem ser empregados e o que pode ser visto como oportunidade de trabalho”, o Entrevistado 1 expos opinião mais voltada à importância da Segurança do Produto: “é fundamental garantir a segurança do produto desde o processo da extração do mineral até o transporte ao cliente” e o Entrevistado 2 trouxe o “baixo número de reclamações de clientes” como sendo um gatilho para avaliação da consistência do processo, “dentro das características de produto e processos, daquilo que está sendo proposto nos procedimentos”, concluiu o Entrevistado 4.

Questionados sobre práticas de Diversidade e Inclusão, o Entrevistado 3 citou que “política de inclusão e diversidade é meta e está prevista a emissão de políticas direcionadas até o final de 2022, isso é um grande passo”, o Entrevistado 4 cita que “é um ponto que a empresa apresenta um grande respeito, mas pode evoluir mais”. Para o Entrevistado 1 e 2 o assunto “é presente, mas pode evoluir”.

Ainda em se tratando do fator Social, novamente foi trazido pelos entrevistados a grande valorização dos ISPs, “temos atuado por meio do Instituto” disseram os Entrevistados 1 e 2, o Entrevistado 4 concordou expondo que “o principal vetor social é o instituto”, a partir disso, se visualiza que então se visualiza que os ISPs que a Empresa ABC mantém, funcionam como condutor das ações contribuintes para a sociedade, comunidade de entorno das instalações da empresa e empregados. “São dois investimentos sociais privados que possuem maturidade e apresentam materialidade para a Empresa ABC, mas também estão sendo redesenhadas as políticas de patrocínios e doações”. Sobre o bem-estar dos funcionários, especificamente, o Entrevistado 2 citou a criação recente de “Programa interno de bem-estar, um exemplo de benefício atribuído é o day-off, uma folga, no dia do aniversário”.

Adentrando no âmbito do tema Governança, a priori “existe um conselho administrativo”, conforme exposto pelo Entrevistado 1, no entanto, questionados sobre como é conduzido o tema Diversidade, “é preciso realmente ter essa prática, potencializar, falta um pouco diversidade ainda, não só pensando diversidade na composição do conselho administrativo, mas também de posições dentro da empresa” disse o Entrevistado 2, “depende também de se abrir novas posições, como também ter uma diretriz de diversidade bem esclarecida” mencionou o Entrevistado 4. Foi apresentado pelo Entrevistado 3 o posicionamento presente da empresa ABC agrupado ao assunto Integração: “é pretendido amplificar o tema diversidade e integração e o utilizar como direcionador para alcançar a maturidade”. Siqueira (2021) mostra que existe um longo caminho a ser trilhado pelas empresas

brasileiras para melhorar os parâmetros de impactos sociais, menos da metade das empresas possuem indicadores de diversidade e inclusão e o estabelecimento de metas para ampliar a participação de mulheres e negros em conselhos administrativos, diretorias e lideranças ainda está em um percentual pequeno de empresas.

Em se tratando de Auditoria e Conformidade, o Entrevistado 3 mencionou que “a questão de conformidade tem sido tratada em meta e existem ativas a política de anticorrupção e transparência”, o Entrevistado 4 mencionou que “são feitos treinamentos e cursos para os funcionários e existe o canal de denúncia administrado por empresa contratada independente”. Quanto aos processos de auditoria, tanto o Entrevistado 1 quanto o Entrevistado 2 citaram que “tem melhoria pra fazer, auditorias na área corporativa existe, principalmente os dados de fiscal, contábil, os dados financeiros que são os que vão para os relatórios, eles são todos auditados”.

No módulo de perguntas do tema Governança havia a indagação sobre o profissional direcionado para atuar com o Tema ESG ou Sustentabilidade, se este possuía importância na construção e condução da agenda definida junto aos times da empresa, no Quadro 21 estão expostas as opiniões dos entrevistados.

Quadro 21 - Profissional ou setor dedicado ao tema ESG nas empresas

| Seria um acelerador/facilitador a presença de um profissional ou setor dedicado ao tema ESG? | |
|--|--|
| Entrevistado 1 | Importante ser uma área cuja responsabilidade está em desenvolver uma agenda de responsabilidade social corporativa coordenar as evoluções que esta implantação é venho apresentando enfim e promover a consciência das pessoas sobre o tema |
| Entrevistado 2 | É uma vantagem para que os objetivos sustentáveis sejam alcançados de forma mais eficiente e eficaz, mas eu acho que sustentabilidade vai conseguir quando todo mundo estiver falando a mesma língua |
| Entrevistado 3 | Mais do que uma pessoa responsável é preciso autonomia, políticas internas e premissas, e a sustentabilidade integrada com a estratégia empresarial |
| Entrevistado 4 | É uma vantagem para que os objetivos sustentáveis sejam alcançados de forma mais eficiente e eficaz |

Fonte: Autor

Sobre Gerenciamento de Riscos o Entrevistado 1 “existem e adequados a nossa atividade em cada uma das das nossas unidades”. Entrevistado 2 e 4 “já teve um avanço grande trazendo a KPMG International como consultoria no assunto”. O tema é encarado como mecanismo para diminuir a vulnerabilidade do negócio e geralmente se adotada metodologias de Gestão de Riscos, como as diretrizes da ISO 31000, e para a efetividade, se mantém o

monitoramento através dos KRIs, sigla inglês que traduzida para o português significa Indicadores Chave de Riscos (LISBOA, 2022). O autor Souza (2021) expõe criticidade e utiliza o termo “negligência” em se tratando de falta ou falha no processo de gerenciamento de riscos, e exemplifica com o caso do rompimento da Barragem I, na Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho (MG) no ano de 2019.

A Materialidade no ESG auxilia no entendimento do que relevante para as empresas nos aspectos ambiental, social e governança, ela é construída através da influência na tomada de decisão dos stakeholders e pode ser levada em consideração nesta avaliação, por exemplo, todos os temas GRI (COSTA, A. L. *et al.*, 2022). Perguntados sobre a Matriz de materialidade da Empresa ABC, o Entrevistado 3 citou que “a Matriz de materialidade está sendo revisada neste momento” e o Entrevistado 2 “Está surgindo, sendo montado essa matriz”.

Por fim de análises, um paralelismo com o que foi exposto, os autores Aldowaish *et al.* (2022) expõe que existe uma lacuna de conhecimento técnico e de experiência do processo de integração ESG e Mohammad; Wasiuzzaman (2021) que com o crescimento da governança corporativa e a transparência da empresa ocorre naturalmente uma facilitação do entendimento. O protagonismo das empresas vem com a busca por soluções e implementação daquilo que foi mapeamento e comprometido (SIQUEIRA, 2021).

4.2 Proposição para o aperfeiçoamento das práticas ESG

Dentro do tema ESG a literatura apresenta uma série de referências que orientam a visualização e interpretação do que deve ser um conjunto adequado de práticas correspondentes ESG. No presente trabalho, foi proposto conhecer esses componentes e avaliar de modo qualitativo e exploratório as práticas ESG e lacunas a partir do estudo de caso na Empresa ABC.

Fazendo o cruzamento entre a teoria apresentada e a prática efetiva atual da Empresa ABC, foi possível traçar uma lista de quinze lacunas identificadas (Quadro 22) que foram traduzidas em Ações Oportunas, elas correspondem às práticas ESG inexistentes ou que existem, mas necessitam de algum tipo de aprimoramento ou revisão.

Quadro 22 - Avaliação de lacunas

| ESG | Aspectos de interesse baseado em referências bibliográficas | Lacunas identificadas / Ações Oportunas |
|-------------------------|--|--|
| Ambiental | Mudanças climáticas Aquecimento global e emissão de carbono Emissões Resíduos tóxicos (Poluição do ar e da água), Biodiversidade, Desmatamento, Eficiência energética, Gestão de resíduos, Escassez de água | <ol style="list-style-type: none"> 1. Sistematização para gestão da qualidade do ar, solo, água e esgoto 2. Desenvolvimento de Inventário e projetos de melhoria e monitoramento acerca do tema GEE 3. Sistematização e desenvolvimento de políticas de Gerenciamento de resíduos 4. Estruturação do modelo de gestão integrado ao ESG e orientado para melhorias (Inovação) 5. Desenvolvimento de políticas para eficiência energética |
| Responsabilidade Social | Saúde e segurança no local de trabalho; Relações Comunitárias; Questões de direitos humanos nas instalações da empresa e fornecedores/contratados; Relações governamentais e comunitárias; Satisfação dos clientes; Transparência e responsabilidade; Proteção de dados e privacidade; Diversidade da equipe; Engajamento dos funcionários; Relacionamento com a comunidade; Respeito aos direitos humanos e às leis trabalhistas. | <ol style="list-style-type: none"> 6. Identificação e sistematização para Segurança do Produto 7. Sistematização e desenvolvimento de políticas para diversidade, inclusão e integração |
| Governança Corporativa | Estrutura e Composição do Conselho; Estrutura do comitê de auditoria; Práticas contábeis e de divulgação; Conduta corporativa; Remuneração dos executivos; Relação com entidades do governo e políticos; Gestão de questões de ética, corrupção e suborno. | <ol style="list-style-type: none"> 8. Sistematização e desenvolvimento de políticas para diversidade, inclusão e integração 9. Sistematização para gerenciamento de riscos integrando ao modelo de gestão integrado do negócio 10. Desenvolvimento matriz de materialidade |
| | ODS | 11. Comunicação interna/externa e vinculação às práticas atuais |
| | Métricas ESG | 12. Sistematização e monitoramento dos indicadores |
| | Rentabilidade atribuída ESG | 13. Estabelecimento de métricas relacionáveis e comparáveis |
| | <i>Triple Bottom Line</i> na estratégia | 14. Inclusão no planejamento estratégico |
| | Adoção de estrutura para Relatório de sustentabilidade | 15. Estruturação baseada no GRI |

Fonte: Autor

Identificada as Ações Oportunas que seriam o “O que”, faz sentido trazer a interpretação de “Como” elas poderiam ser colocadas em prática e “Através de que ou por qual método”.

A segunda proposição está relacionada ao incremento do Tema ESG no planejamento estratégico da Empresa ABC. Cada empresa segue um modelo de gestão que é alimentado pelo plano estratégico que por sua vez pode se utilizar da metodologia Balanced Scorecard (BSC). Partindo do pressuposto de utilizar essa metodologia, já é possível visualizar autores que tem trabalhado a BSC integrado ao ESG, a exemplo LU et al. (2016) e Khalid, Beattie e Sands (2022) e Wang, J. S.; Liu; Chen (2022). Nessa proposição os pilares Finanças, Mercado, Processos Internos e Aprendizado/Crescimento do BSC estariam sob o ponto de vista Ambiental, Social e Governança. Além do BSC+ESG para plano estratégico, sugere-se que as diretrizes ali estabelecidas sejam desdobradas aos demais níveis (estratégico, tático e operacional), para isso, um modelo de gestão preparado com fluxos de decisão bem definidos e orientado para melhoria (PDCA) e padronização pode contribuir para o sucesso das diretrizes e práticas ESG, a exemplo podem ser utilizadas as estratégias de “Gerenciamento pelas Diretrizes” e “Gerenciamento da Rotina Diária”.

Quadro 23 - Normas ISO com temas comuns ESG

| Normas | Título |
|---------------|--|
| ISO 9001 | Sistemas de Gestão da Qualidade |
| ISO 9004 | Gestão da Qualidade |
| ISO 14001 | Sistemas de Gestão Ambiental |
| ISO 45001 | Sistema de Gestão de Saúde e Segurança Ocupacional |
| ISO 37001 | Sistemas de Gestão Antissuborno |
| ISO 37301 | Sistemas de Gestão de Compliance |
| ISO 26000 | Diretrizes Sobre Responsabilidade Social |

Fonte: autor

A terceira proposição envolve o “Através de que” as Ações Oportunas podem ser executadas. O ponto de partida é conhecer os processos de gestão padronizados pela ISO (Quadro 23) que se conectam com o ESG. A empresa ABC pode incluir em seu sistema de gestão as diretrizes presentes nestas normas e as utilizar como parâmetro no desenvolvimento políticas internas e demais procedimentos bem como *baseline* nas auditorias internas ou externas (segunda ou terceira parte). Como execução da Ação Oportuna “6. Identificação e sistematização para Segurança do Produto”, em específico, pode ser de valia utilizar como

referência o escopo de certificação feita por organismos ou associações do ramo de negócio da Empresa ABC, no caso, proposição seria uma análise crítica acerca do o padrão *Protect & Sustain* da *Internacional Fertilizer Association* (IFA).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O momento atual demonstra uma combinação de inteligência artificial, *machine learning* e internet das coisas, 5G, *cloud computing*, processadores ultravelozes, experiência em realidades virtuais desafiando as fronteiras entre o real e o imaginário - o ESG está presente em tudo isto e tende a ser aprimorado permanentemente (Monzoni; Carreira 2022).

O presente trabalho permitiu conhecer e entender como o ESG foi criado e como permeia a sua prática nas organizações. Isso contribui como gerador de informação acerca do assunto, tanto no âmbito acadêmico, quanto empresarial. Também houve contribuição na pesquisa nacional, pois a maioria das publicações ainda é predominantemente estrangeira.

A partir do referencial teórico foi possível compreender as influências governamentais e políticas nos desdobramentos ESG nas organizações, a integração instantânea ao tema ESG dos 15 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e a importância da utilização de estruturas de relatórios (GRI, por exemplo), padrões e princípios como contraponto ao *greenwashing*.

Com o estudo de caso na Empresa ABC foi possível compreender que o conhecimento e a disseminação das práticas ESG requerem comprometimento de todos os níveis hierárquicos, mas principalmente da alta administração, uma Agenda ESG bem construída (real e com processos de gestão definidos) e aprimorada continuamente, recursos disponíveis, tempo e uma cultura favorável. O incremento dos ISPs para a materialidade nas práticas de fator social foi algo muito enfatizado ao longo das entrevistas e apareceu nas análises.

Portanto, pode-se concluir que a empresa ABC, de fato, possui práticas ESG em execução. Algumas práticas apresentam mais maturidade e consistência que outras. Aquilo que deve ser aprimorado, de acordo com a teoria apresentada, foi abordado como lacunas, também chamadas no trabalho como ações oportunas. Estas ações oportunas estão presentes no fator Ambiental nos temas Qualidade do Ar, Solo, Água & Esgoto, GEE, Gerenciamento de Resíduos, Inovação e Eficiência Energética. No fator social nos temas Segurança do Produto, Diversidade & Inclusão e Integração. No fator Governança as oportunidades se concentraram em Diversidade & Inclusão e Integração, Gerenciamento de Riscos e Matriz de Materialidade.

Um dos objetivos específicos trata das proposições para aprimoramento das práticas ESG na Empresa ABC, para isto, um plano composto por 3 etapas foi apresentado, primeiro refere-se ao “O que”, onde foram evidenciadas as 15 Ações Oportunas em decorrência das lacunas encontradas entre a teoria estudada e o caso analisado. As ações estão presentes nos Fatores ESG, ODS, Métricas, Rentabilidade atribuída ao ESG, Triple Bottom Line e Estrutura

para Relatório de sustentabilidade. A segunda proposição é intitulada “Como”, sugere-se vinculação do ESG com o BSC na elaboração do plano estratégico da Empresa ABC como meio de garantir o desdobramento adequado entre níveis hierárquicos dos objetivos e metas, favorecendo o estudo e monitoramento de métricas. E por fim, a Terceira proposição “Através de que”, que considera a exposição de um conjunto de padrões (ISO e IFA) que podem servir de *baseline* para os processos ESG da organização.

Além do cumprimento aos objetivos traçados, o presente trabalho fornece através das proposições feitas, novos temas para pesquisas futuras e que podem ser complementares à esta, portanto, um pode ser considerado como um trabalho de relevância e importância.

REFERÊNCIAS

A. MACHADO, Julia de; VENDRUSCOLO, Maria Ivanice; RODRIGUES, Ana Tércia Lopes. 19º Congresso USP de iniciação científica em contabilidade. *In:* , 2022, São Paulo. **Práticas Ambientais, Sociais e Corporativas (ASG) para um Eficiente Modelo de Gestão Sustentável: um estudo de caso**. São Paulo: [s. n.], 2022. p. 9–25.

ADAMS, Carol A.; ABHAYAWANSA, Subhash. Connecting the COVID-19 pandemic, environmental, social and governance (ESG) investing and calls for ‘harmonisation’ of sustainability reporting. **Critical Perspectives on Accounting**, [s. l.], v. 82, p. 102309, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2021.102309>

AICH, Satyabrata *et al.* Factors Affecting ESG towards Impact on Investment : A Structural Approach. [s. l.], p. 1–14, 2021.

ALDOWAISH, Alaa *et al.* Environmental, Social, and Governance Integration into the Business Model: Literature Review and Research Agenda. **Sustainability (Switzerland)**, [s. l.], v. 14, n. 5, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su14052959>

ALEXANDRINO, Thaynan Cavalcanti. **Análise da relação entre os indicadores de desempenho sustentável (esg) e desempenho economico-financeiro de empresas listadas na b3**. 1–12 f. 2020. [s. l.], 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ndteint.2014.07.001%0Ahttps://doi.org/10.1016/j.ndteint.2017.12.003%0Ahttp://dx.doi.org/10.1016/j.matdes.2017.02.024>

ATAN, Ruhaya. The impacts of environmental , social , and governance factors on firm performance. [s. l.], 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/MEQ-03-2017-0033>

BELINKY, Aron. **ODS ou ESG? A criação de um artefato para análise de instrumentos de avaliação ou orientação de negócios pela perspectiva da sustentabilidade**. 242 f. 2022. - Fundação Getulio Vargas, [s. l.], 2022. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/31914/Tese_Aron_Belinky-final-05mai2022.pdf?sequence=1&isAllowed=y

BOIRAL, Olivier; HERAS-SAIZARBITORIA, Iñaki; BROTHERTON, Marie Christine. Professionalizing the assurance of sustainability reports: the auditors’ perspective. **Accounting, Auditing and Accountability Journal**, [s. l.], v. 33, n. 2, p. 309–334, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/AAAJ-03-2019-3918>

BRANDON, Rajna Gibson *et al.* Do Responsible Investors Invest Responsibly? Osmosis Investment Management ECGI Working Paper Series in Finance. [s. l.], n. February, 2022.

BROADSTOCK, David C. *et al.* Does corporate social responsibility impact firms’ innovation capacity? The indirect link between environmental & social governance implementation and innovation performance. **Journal of Business Research**, [s. l.], v. 119, n. April 2018, p. 99–110, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2019.07.014>

BUSCO, Cristiano *et al.* A Preliminary Analysis of SASB Reporting: Disclosure Topics, Financial Relevance, and the Financial Intensity of ESG Materiality. **Journal of Applied Corporate Finance**, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 117–125, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jacf.12411>

CAPLAN, Lauren; GRISWOLD, John S.; JARVIS, William. From SRI to ESG: The

Changing World of Responsible Investing. **Commonfund Institute**, [s. l.], n. September, p. 15, 2013.

CARBON DISCLOSURE PROJECT. CDP Climate Change 2021 Reporting Guidance. *In:* , 2022. **Carbon Disclosure Project**. [S. l.: s. n.], 2022. p. 209. Disponível em: <https://guidance.cdp.net/en/guidance?cid=2&ctype=theme&idtype=ThemeID&incchild=1µsite=0&otype=Guidance&tags=TAG-646%2CTAG-605%2CTAG-599>

CÁRDENAS, Alfredo Ribeiro *et al.* O Uso da Triangulação em Teses e Dissertações de Programas de Pós-Graduação em Administração no Brasil. **Administração: Ensino e Pesquisa**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 243–276, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.13058/raep.2018.v19n2.853>

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de. **Construindo o saber: metodologia científica - Fundamentos e técnicas**. 24. ed. Campinas, SP: [s. n.], 2012.

CAUCHICK MIGUEL, Paulo Augusto. Estudo de caso na engenharia de produção: estruturação e recomendações para sua condução. **Production**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 216–229, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prod/v17n1/14.pdf>

CECCARELLI, M; GLOSSNER, S; HOMANEN, M. Catering through transparency: Voluntary ESG disclosure by asset managers and fund flows. [s. l.], 2021. Disponível em: https://www.simonglossner.com/files/CeccarelliGlossnerHomanen_PRI_flows.pdf

CFA INSTITUTE. **Guidance and case studies for esg integration : equities and fixed income**. [S. l.: s. n.], 2018.

CHVÁTALOVÁ, Zuzaná; ŠIMBEROVA, Iveta. Analysis of esg indicators for measuring enterprise performance. **Acta Universitatis Agriculturae et Silviculturae Mendelianae Brunensis**, [s. l.], v. 61, n. 7, p. 2197–2204, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11118/actaun201361072197>

CONSOLANDI, Costanza *et al.* Material ESG Outcomes and SDG Externalities: Evaluating the Health Care Sector’s Contribution to the SDGs. **Organization and Environment**, [s. l.], v. 33, n. 4, p. 511–533, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1086026619899795>

COSTA, Aatoria Leonardo *et al.* Relatório final os impactos econômicos do. [s. l.], 2022.

COSTA, Maria Raquel Siqueira Marques da. **Avaliação do desempenho de empresas de energia elétrica no Brasil sobre a óptica de variáveis ambientais, sociais e de governança corporativa**. 10–17 f. 2018. [s. l.], 2018.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre, RS: [s. n.], 2010.

CRISTINA, Ana; MIRANDA, Viana. Sustentabilidade - Uma análise do impacto do modelo ESG no ambiente empresarial , caso Harsco. [s. l.], p. 1–25, 2021.

ESCRIG-OLMEDO, Elena *et al.* Integrating multiple ESG investors’ preferences into sustainable investment: A fuzzy multicriteria methodological approach. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], v. 162, p. 1334–1345, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.06.143>

FARIA, Juliano Almeida de; ANDRADE, José Célio Silveira; GOMES, Sônia Maria

da Silva. Fatores determinantes da evidencição das mudanças climáticas nas empresas brasileiras participantes do Carbon Disclosure Project [CDP]. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade – GeAS**, [s. l.], v. 7, p. 162–184, 2018.

FINATTO, Carla Patricia. **As práticas de responsabilidade social corporativa no consórcio qualenv: uma análise alinhada com os objetivos do desenvolvimento sustentável e o esg na unisul**. 1–23 f. 2022. [s. l.], 2022.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre, RS: [s. n.], 2009.

FONSECA, Mouana do Socorro Sioufi; LADEIRA, Rodrigo; CAJAZEIRA, Jorge Emanuel Reis. Será o Investimento Social Privado uma Oportunidade para o Desenvolvimento de Territórios? **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 145–159, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/23172428rigs.v10i1.38597>

GARCIA, Alexandre Sanches; ORSATO, Renato J. Testing the institutional difference hypothesis: A study about environmental, social, governance, and financial performance. **Business Strategy and the Environment**, [s. l.], v. 29, n. 8, p. 3261–3272, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/bse.2570>

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, SP: [s. n.], 2002.

GILBERT, Dirk Ulrich; RASCHE, Andreas; WADDOCK, Sandra. Accountability in a Global Economy : Accountability Standards. [s. l.], v. 1, n. January, p. 23–44, 2011.

GLOBAL SUSTAINABILITY STANDARDS BOARD. **Gri 101: Foundation 2016 101**. This document is the Foundation section of the GRI G4 Standard. **GRI Standards**, [S. l.: s. n.], 2016. Seção 1, p. 29. Disponível em: www.globalreporting.org

GODOY, A. S. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional v. 3, n. 2**, [s. l.], p. 81–85, 2005.

GRI. **Our mission and history**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.globalreporting.org/information/about-gri/Pages/GRIs-own-reports.aspx>. Acesso em: 20 abr. 2022.

GRI STANDARDS. **Gri 101: fundamentos 2016 101**. [S. l.: s. n.], 2016a. Disponível em: <https://www.globalreporting.org/how-to-use-the-gri-standards/resource-center/?g=5121b97f-f105-419c-a113-9942b31b6763&id=12334>.

GRI STANDARDS. **Gri 103: forma de gestão 2016 103**. [S. l.: s. n.], 2016b. Disponível em: [https://www.globalreporting.org/standards/standards-development/schedule-of-standards-projects/?utm_campaign=12235923_Standards_welcome_program&utm_medium=Engagement_Cloud&utm_Link_Name=GRI_Academy_WP&utm_source=Global Reporting Initiative&dm_i=4J5,7A9AR,](https://www.globalreporting.org/standards/standards-development/schedule-of-standards-projects/?utm_campaign=12235923_Standards_welcome_program&utm_medium=Engagement_Cloud&utm_Link_Name=GRI_Academy_WP&utm_source=Global%20Reporting%20Initiative&dm_i=4J5,7A9AR,)

GUO, Ting; LEE, Chyi Lin. Does Corporate Green Ranking Reflect Carbon-Mitigation Performance? Does Corporate Green Ranking Reflect Carbon-Mitigation Performance? [s. l.], n. November, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2020.123601>

JEBE, Ruth. The Convergence of Financial and ESG Materiality: Taking Sustainability Mainstream. **American Business Law Journal**, [s. l.], v. 56, n. 3, p. 645–702, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/ablj.12148>

KHALED, Raneem; ALI, Heba; MOHAMED, Ehab K A. The Sustainable Development Goals and corporate sustainability performance: Mapping , extent and determinants. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], v. 311, n. May, p. 127599, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2021.127599>

KPMG INTERNATIONAL. **The time has come | The KPMG Survey of Sustainability Reporting 2020**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://home.kpmg/xx/en/home/insights/2020/11/the-time-has-come-survey-of-sustainability-reporting.html>.

LISBOA, Fernando Caixeta. A implementação da gestão de riscos e seu monitoramento por meio de KRI ' s com foco em ESG : uma revisão narrativa The implementation of risk management and its monitoring through KRI ' s with a focus on ESG : a La implementación de la gestión de riesgos. [s. l.], v. 2022, p. 1–9, 2022.

LU, Iuan Yuan *et al.* Multicriteria decision analysis to develop effective sustainable development strategies for enhancing competitive advantages: Case of the TFT-LCD industry in Taiwan. **Sustainability (Switzerland)**, [s. l.], v. 8, n. 7, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su8070646>

MACHADO, Bianca Alves Almeida; DIAS, Livia Cristina Pinto; FONSECA, Alberto. Transparency of materiality analysis in GRI-based sustainability reports. **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 570–580, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/csr.2066>

MACHADO, Denise; GUTIERREZ, Duran. Diálogo, Triangulação E Interdisciplinaridade: Vias Para Integração Metodológica Entre Pesquisas Qualitativas E Quantitativas. [s. l.], v. XXV, p. 418–437, 2020.

MARTINS, Frederico. Frederico Martins – Sustentabilidade nas Empresas: Estudo de caso com L'Oréal Portugal. [s. l.], 2022.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **ESTUDO DE CASO: UMA ESTRATEGIA DE PESQUISA**. 2. ed. São Paulo, SP: [s. n.], 2008.

MASCENA, Keysa Manuela Cunha de; FISCHMANN, Adalberto Americo; BOAVENTURA, João Maurício. Priorização de Stakeholders em Empresas que Divulgam Relatórios GRI no Brasil. **Brazilian Business Review**, [s. l.], p. 32, 2017.

MOHAMMAD, Wan Masliza Wan; WASIUZZAMAN, Shaista. Environmental, Social and Governance (ESG) disclosure, competitive advantage and performance of firms in Malaysia. **Cleaner Environmental Systems**, [s. l.], v. 2, n. January, p. 100015, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cesys.2021.100015>

MONZONI, Mario; CARREIRA, Fernanda. O metaverso do ESG. **Gv-Executivo**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 4–11, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12660/gvexec.v21n1.2022.85510>

MSCI. **MSCI Investment Insights 2021**. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <https://www.msci.com/documents/1296102/22910163/MSCI-Investment-Insights-2021-Report.pdf>.

NASCIMENTO, Raqueline Landim. **A contribuição da metodologia das faces de chernoff no processo de ensino e aprendizagem da geografia na escola de referência em ensino médio professor manoel joaquim leite - CEDRO / pe**. [s. l.], p. 66–84, 2020.

NEVES, Camila Bezerra Correia. **O desempenho corporativo em ESG e a performance financeira das empresas brasileiras**. 117 f. 2022. - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), [s. l.], 2022.

O'DWYER, Brendan; UNERMAN, Jeffrey. Shifting the focus of sustainability accounting from impacts to risks and dependencies: researching the transformative potential of TCFD reporting. **Accounting, Auditing and Accountability Journal**, [s. l.], v. 33, n. 5, p. 1113–1141, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/AAAJ-02-2020-4445>

OECD. **Industrial Policy for the Sustainable Development Goals**. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/2cad899f-en>.

OECD. **Together, we create better policies for better lives**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.oecd.org/about/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

ORAZALIN, Nurlan; MAHMOOD, Monowar. Determinants of GRI-based sustainability reporting: evidence from an emerging economy. **Journal of Accounting in Emerging Economies**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 140–164, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JAEE-12-2018-0137>

PAPOUTSI, Aikaterini; SODHI, Man Mohan S. Does disclosure in sustainability reports indicate actual sustainability performance? **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], v. 260, p. 121049, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2020.121049>

PIZZI, Simone *et al.* Management research and the UN sustainable development goals (SDGs): A bibliometric investigation and systematic review. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], v. 276, p. 124033, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2020.124033>

RIBEIRO, Ana Carolina *et al.* ECONOMIA CIRCULAR EM EMPRESA DO SETOR TÊXTIL ASSESSMENT OF THE RELATIONSHIP OF ESG TO CIRCULAR ECONOMY STRATEGIES IN A TEXTILE COMPANY. [s. l.], p. 1–22,

SALIM, Khalid *et al.* Barriers and Motivations to Integrating Environmental Performance in the BSC: a case study in health care. **Sustainability Accounting, Management and Policy Journal**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 297–319, 2022.

SASB. **Materiality Finder How SASB Standards fit into the reporting ecosystem**. [S. l.], 2022a.

SASB. **SASB, About Us**. [S. l.], 2022b. Disponível em: <https://www.sasb.org/about/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

SASB. **SASB Standards & Other ESG You Might Be Frameworks The Sustainability Reporting Ecosystem**. [S. l.], 2022c. Disponível em: <https://www.sasb.org/about/sasb-and-other-esg-frameworks/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

SCHOLTEN, Rebecca *et al.* The Impact of Climate Change in the Valuation of Production Assets via the IFRS Framework An Exploratory Qualitative Comparative Case Study Approach. **Accounting, Economics and Law: A Convivium**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 1–33, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/acl-2018-0032>

SHAIKH, Imlak. Environmental , Social , and Governance (ESG) practice and firm performance : an international evidence. **Journal of Business Economics and Management**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 218–237, 2022.

SIEVÄNEN, Riikka *et al.* From struggle in responsible investment to potential to improve global environmental governance through UN PRI. **International Environmental Agreements: Politics, Law and Economics**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 197–217, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10784-012-9188-8>

SIQUEIRA, C.L. Governança Corporativa E Fator Esg Como Meios Para O Impacto Social E Ambiental No Setor Empresarial. **Ufrgs - Tcc**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 1–61, 2021.

SMIRNOV, V. D. ESG risks Management in Commercial Organizations. **Management Science**, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 6–20, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26794/2404-022x-2020-10-3-6-20>

SNC-LAVALIN. **CLIMATE CHANGE REPORT CARBON DISCLOSURE PROJECT 2021**. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <https://www.snclavalin.com/~media/Files/S/SNC-Lavalin/download-centre/en/report/cdp-report-2021.pdf>.

SOUZA, Danielle Santos. **Uma análise do ESG (environmental, social and governance) da empresa vale s.a. a partir do desastre de brumadinho**. 28 f. 2021. - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, [s. l.], 2021.

SRA, Jaspreet K; BOOTH, Annie L; COX, Raymond A K. Voluntary carbon information disclosures , environmental sustainability efforts , and market value. [s. l.], v. 4, n. March, p. 179–206, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3934/GF.2022009>

STOCKER, Fabricio; TONTINI, Julia; SARTURI, Greici. Análise Da Evolução Das Publicações De Relatórios De Sustentabilidade Na Base Gri. **South American Development Society Journal**, [s. l.], v. 5, n. 15, p. 418, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24325/issn.2446-5763.v5i15p418-437>

SULTANA, Sayema; ZULKIFLI, Norhayah; ZAINAL, Dalilawati. Environmental, social and governance (ESG) and investment decision in Bangladesh. **Sustainability (Switzerland)**, [s. l.], v. 10, n. 6, p. 1–19, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su10061831>

SUSTENTÁVEL, O Guia da Empresa. **Como Criar Um Relatório GRI de Sustentabilidade . O**. [S. l.], 2021.

SYED, Ali Murad. Environment, social, and governance (ESG) criteria and preference of managers. **Cogent Business and Management**, [s. l.], v. 4, n. 1, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23311975.2017.1340820>

TAGHAVI, Naghmeh; ADAMS, Caroline; BERLIN, Cecilia. Social sustainability kpis in operations management: A gap between the reactive and the proactive stance. **The 6th International Swedish Production Symposium**, [s. l.], n. 20 09, 2014.

TASK FORCE ON CLIMATE-RELATED FINANCIAL DISCLOSURES (TCFD). **Recommendations of the Task Force on Climate-related Financial Disclosures**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://assets.bbhub.io/company/sites/60/2020/10/FINAL-2017-TCFD-Report-11052018.pdf>.

TETTAMANZI, Patrizia; VENTURINI, Giorgio; MURGOLO, Michael. Sustainability and Financial Accounting: a Critical Review on the ESG Dynamics. **Environmental Science and Pollution Research**, [s. l.], p. 16758–16761, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11356-022-18596-2>

UNITE NATIONS. **Sustainability**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.un.org/en/academic-impact/sustainability>. Acesso em: 30 abr. 2022.

UNITED NATIONS. **Objetivos do desenvolvimento sustentável**. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.12660/gvexec.v14n2.2015.56854>

UNITED NATIONS. **Who cares wins: connecting financial markets to a changing world, UN; International Finance Corporation (IFC)Who cares wins, Connecting Financial Markets to a Changing World**. [S. l.: s. n.], 2004.

UNITED NATIONS BRAZIL. **Relatório Anual 2021Nações Unidas Brasil**. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/177803-relatorio-anual-das-nacoes-unidas-no-brasil-2021>.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME; UNITED NATIONS GLOBAL COMPACT. **Technical guide: TCFD for private equity - General partners**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.unpri.org/private-equity/tcfd-for-private-equity-general-partners-technical-guide/5546.article>.

United Nations Environment Programme. **TCFD – Task Force on Climate-Related Financial Disclosures Climate Change Net-Zero Banking Alliance Net-Zero Asset Owner Alliance UN-convened Net-Zero Insurance Alliance Energy Efficiency TCFD - Task Force on Climate-related Financial Disclosures TCFD for**. [S. l.], 2021.

VALUE REPORTING FOUNDATION. **Value Reporting Foundation - Resources Overview**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.valuereportingfoundation.org/resources/resources-overview/#sasb-standards>. Acesso em: 22 abr. 2022.

WANG, Chunhong; ZHAO, Minru; ZHANG, Zhenhua. Research on the relationship between corporate governance performance and financing cost under the background of ESG theory. **Proceedings - 2020 Management Science Informatization and Economic Innovation Development Conference, MSIEID 2020**, [s. l.], v. 01054, p. 309–312, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1109/MSIEID52046.2020.00064>

WANG, Jen Sheng; LIU, Che Hung; CHEN, Yen Tzu. Green sustainability balanced scorecard—Evidence from the Taiwan liquefied natural gas industry. **Environmental Technology and Innovation**, [s. l.], v. 28, n. 51, p. 102862, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.eti.2022.102862>

XIAO, Xinning; SHAILER, Greg. Stakeholders' perceptions of factors affecting the credibility of sustainability reports. **British Accounting Review**, [s. l.], v. 54, n. 1, p. 101002, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.bar.2021.101002>

ZAPPELLINI, Marcello Beckert; FEUERSCHÜTTE, Simone Ghisi. O Uso Da Triangulação Na Pesquisa Científica Brasileira Em Administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 241, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.13058/raep.2015.v16n2.238>

ZARO, Elise Soerger. **Capital and cost of capital and voluntary disclosure of integrated reporting: the role of institutional factors**. 1–208 f. 2019. [s. l.], 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-24052019-121105/pt-br.php%0Ahttp://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-24052019-121105/>

ANEXOS

1. Questionário de pesquisa

| Módulo | Perguntas |
|------------|---|
| Geral | <ol style="list-style-type: none"> 1. Existe na empresa a aplicação das práticas ESG? Em caso afirmativo, qual a importância que se dá ao tema ESG? 2. Existe introdução dos ODSs na estratégia de desenvolvimento da empresa? 3. Como a empresa tem aplicado práticas e métricas para atender os fatores ESG? 4. Qual é o caminho percorrido pela empresa no desenvolvimento sustentável? Qual o futuro pretendido, existe um plano de longo prazo? Acha que existem apoios e incentivos suficientes para o tema ESG? 5. Existe uma relação entre o aumento do lucro líquido e os indicadores de desempenhos atrelados ao ESG, isso já foi pauta da empresa? Se houve constatação de aumento da receita nos últimos 5 anos, o ESG ou práticas de RSC foram contribuintes e por quê? 6. Pessoas, planeta, prosperidade e governança, são os quatro pilares comumente usados nas métricas, como o ESG se conecta com a mensuração do desempenho na empresa? Como é que a empresa utiliza estes indicadores no seu desenvolvimento sustentável? 7. Os stakeholders “partes interessadas”, estão cada dia mais atentos aos indicadores ESG e as métricas estão nas mãos das empresas. Como a empresa conduz esse tema? Existe alguma ação para chamar a atenção de possíveis investidores? 8. Acha que a empresa tem possibilidade de se tornar mais sustentável? Como? A que nível? |
| Ambiental | <ol style="list-style-type: none"> 9. Como são trabalhados os temas de GEE e qualidade do ar? 10. Qual é o destino dos resíduos? Existe política de utilização de materiais sustentáveis ou eficiência no consumo e fornecimento de materiais? 11. Sobre gerenciamento de energia, água e esgoto, como a empresa tem conduzido? 12. São desenvolvidos projetos de inovação voltados aos seguintes temas: projeto de produto, gerenciamento do ciclo de vida do produto, gestão da cadeia de suprimentos, contrapartida aos impactos em solo, ar e água? |
| Social | <ol style="list-style-type: none"> 13. Como a empresa tem feito o desenvolvimento do fator social? Qual é a relação da empresa com a comunidade? Ela desempenha alguma função social? 14. Quais as políticas de trabalho relacionadas a saúde e segurança dos trabalhadores? Existe política de inclusão e diversidade? 15. Existem ações internas para a integração/inclusão dos colaboradores? 16. Como os temas Qualidade e segurança do produto são conduzidos na empresa? |
| Governança | <ol style="list-style-type: none"> 17. Como a empresa tem implementado o novo conceito de governança baseado no ESG? Existe diversidade da composição do conselho? 18. Existe prática de auditorias? Como são tratadas as práticas anticorrupção, compliance e transparência? Existe algum canal de denúncias? 19. Acha que a nomeação de uma pessoa responsável pelo projeto “sustentabilidade” dentro da empresa é uma vantagem para que objetivos sustentáveis sejam alcançados de forma mais eficiente e eficaz? 20. Existe plano de Gerenciamento de risco de incidente crítico, Gerenciamento de risco sistêmico e matriz de materialidade? |